

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FÁTIMA MORAES

**SALA DE RECURSOS E A PRODUÇÃO DE ÁUDIO COMO ESTÍMULO À  
ORALIDADE**

CURITIBA

2010

FÁTIMA MORAES

**SALA DE RECURSOS E A PRODUÇÃO DE ÁUDIO COMO ESTÍMULO À  
ORALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de especialista em Mídias na Educação, pela Universidade Federal do Paraná, Pós-Graduação “Latu Sensu” em Mídias na Educação.

Orientadora: Nilcéia Bueno de Oliveira

CURITIBA

2010

Dedico este trabalho às pessoas com necessidades educacionais especiais, as quais me levam cada dia, a perceber que as maiores limitações de uma pessoa, não são de carácter físico, mental ou sensorial, mas sim, espiritual.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pelo milagre da vida, pela coragem nos instantes de dúvida e motivação nos momentos de desânimo, o que foi imprescindível para a realização e conclusão desse trabalho.

Aos meus familiares pelo incentivo e compreensão sempre que deixei de estar entre eles, para a dedicação que tal pesquisa dispensou.

Aos alunos da Sala de Recursos do Colégio Estadual São Cristóvão que foram a inspiração para o tema deste trabalho e que me ensinam todos os dias a ser uma pessoa melhor.

A minha tutora e orientadora Prof.<sup>a</sup> Ms. Nilcéia Bueno de Oliveira pelo apoio, compreensão e sugestões, sem as quais meu trabalho não teria o mesmo valor. Minha sincera gratidão e respeito.

O homem tem inerentemente uma necessidade individual de se expressar e uma necessidade social de se comunicar.

(Mary A. Kato)

## RESUMO

MORAES, Fátima. **Sala de Recursos e a Produção de Áudio como Estímulo a Oralidade.** O presente estudo teve por objetivo pesquisar sobre o quanto a produção de áudio pode desenvolver a fala dos alunos de Sala de Recursos com Deficiência Intelectual e Transtorno Funcionais Específicos, considerando como questões norteadoras: histórico da deficiência, definição de atendimento educacional especializado com ênfase na Sala de Recursos, especificar o alunado da Sala de Recursos, origem da fala, aspectos orgânicos da fala, linguagem oral e o pensamento, relação oralidade e escrita, evolução da comunicação, meios de comunicação na educação, o rádio como meio de comunicação e expressão, o rádio e o áudio na educação e o áudio na educação especial. Apresentou-se como pesquisa qualitativa que busca compreender a estruturação da linguagem oral, utilizando para isso de pesquisa bibliográfica, pois, ao considerar que a produção de áudio pode estimular a oralidade de alunos com dificuldades na fala, necessita-se conhecer os aspectos fisiológicos e psicológicos da mesma. A investigação seguiu uma metodologia de dez (10) horas/aula de trabalhos em laboratório de informática, para as produções de áudio, se observando o impacto dessas gravações na oralidade dos educandos.

**Palavras – Chave:** Sala de Recursos; Oralidade; Produção de Áudio.

## ABSTRACT

MORAES, Fatima. **Resources Room and the Audio Production as Orality Stimulus.** The present study has as objective to research how much the audio production may develop the speech of the students from the Resources Room with Intellectual Disability and Specific Functional Disorder, whereas as guiding questions: historical of the disability, definition of specialized servicing educational with emphasis in the Resources Room, specify the learners from the Resources Room, speech's origin, organic aspects of the speech, oral language and the thought, relation between orality and writing, communication evolution, the media in education, the radio as an way of communication and expression, the radio and the audio in education and the audio in special education. Introduced as qualitative research that seeks to understand the oral language structuring, using for this bibliographical research, therefore considers that the production of audio can stimulate orality of students with difficulties in the speech, need to know the physiological and psychological aspects of the same. The investigation followed a methodology of ten (10) hours/class of work in the informatics laboratory, for audio productions, observing the impact of this recordings in learners' orality.

**Key Words:** Resources Room; Orality; Audio production.

## LISTA DE QUADRO E GRÁFICOS

<b>Quadro 01</b>	- Estimativa ONU .....	14
<b>Gráfico 01</b>	- Porcentagem de Deficientes no Brasil .....	15
<b>Gráfico 02</b>	- Porcentagem entre as Deficiências no Brasil .....	16
<b>Gráfico 03</b>	- Oralidade dos Alunos da Sala de Recursos .....	46
<b>Gráfico 04</b>	- Leitura dos Alunos da Sala de Recursos .....	47
<b>Gráfico 05</b>	- Dificuldades na Linguagem .....	47
<b>Gráfico 06</b>	- Impulsividade X Apatia .....	51

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01</b>	- Hefesto .....	17
<b>Imagem 02</b>	- Shrek .....	18
<b>Imagem 03</b>	- Corcunda de Notre Dame .....	19
<b>Imagem 04</b>	- Bobo da Corte de Velázquez .....	19
<b>Imagem 05</b>	- Direitos Iguais .....	21
<b>Imagem 06</b>	- Evolução .....	26
<b>Imagem 07</b>	- Cérebro .....	28
<b>Imagem 08</b>	- Corpo Caloso .....	29

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	05
<b>ABSTRACT</b> .....	06
<b>LISTA DE QUADRO E GRÁFICOS</b> .....	07
<b>LISTA DE IMAGENS</b> .....	08
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 OBJETO DE ESTUDO .....	10
1.2 CONTEXTO .....	10
1.3 PROBLEMA DA PESQUISA .....	11
1.4 JUSTIFICATIVA .....	11
1.5 OBJETIVOS .....	12
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	13
2.1 A DEFICIÊNCIA .....	13
2.1.1 Breve Histórico da Deficiência .....	16
2.1.2 História e Política da Educação Especial .....	21
2.1.3 Atendimento Educacional Especializado – Sala de Recursos .....	23
2.2 LINGUAGEM ORAL .....	24
2.2.1 A Origem da Fala .....	24
2.2.2 Aspectos Orgânicos da Fala .....	26
2.2.3 A Linguagem Oral e o Pensamento .....	30
2.2.4 Relação Oralidade e Escrita .....	31
2.3 COMUNICAÇÃO, RÁDIO E EDUCAÇÃO .....	32
2.3.1 A Evolução da Comunicação .....	32
2.3.2 Os Meios de Comunicação na Educação .....	34
2.3.3 O Rádio como Meio de Comunicação e Expressão .....	35
2.3.4 O Rádio e o Áudio na Educação .....	38
2.3.5 O Áudio na Educação Especial .....	39
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	41
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	41
3.2 O CONTEXTO DA PESQUISA .....	42
3.3 A COLETA DE DADOS .....	43
3.4 ANÁLISE DOS DADOS .....	44
<b>4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b> .....	45
4.1 A FINALIDADE DO QUESTIONÁRIO E DAS PRODUÇÕES DE ÁUDIO ..	45
4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO .....	46
4.3 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DE ÁUDIO .....	52
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58
<b>ANEXOS</b> .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

Os seres humanos são naturalmente estimulados à fala, sendo uma condição tão comum entre a espécie, que dificuldades nessa área acarretam ao indivíduo sérios problemas de socialização, autoestima e conseqüentemente no aprendizado acadêmico.

Nesse aspecto encontramos pessoas que não fazem uso adequado da fala, sejam por problemas orgânicos, psicológicos e/ou ambientais, geralmente, tais indivíduos são pessoas com alguma deficiência ou transtorno. E quando ingressam na vida escolar necessitam – e tem direito – a serviços especializados, bem como, de adaptações curriculares. Entre os serviços especializados se destacam as Salas de Recursos, que têm o objetivo de estimularem e auxiliarem esses alunos em suas necessidades educacionais especiais.

Observa-se que muitos alunos de Sala de Recursos, têm dificuldades na oralidade, seja na dicção, compreensão e principalmente na falta de vontade de se expressarem pela fala, se negando frequentemente em fazerem leituras, trabalhos em grupo, dramatizações, entre outras atividades acadêmicas.

Assim, a pesquisa tem a finalidade de investigar o quanto o software Audacity poderá estimular a oralidade desses alunos, através de produções de áudio.

### 1.1 OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo são os estímulos que as produções de áudio irão proporcionar na oralidade dos alunos da Sala de Recursos. Tais produções serão orientadas pela professora da referida turma, no laboratório de informática do colégio.

### 1.2 CONTEXTO

O contexto da pesquisa será constituído pelas produções de áudio realizadas pelos educandos e o quanto as mesmas desenvolvem a linguagem oral dos alunos.

### 1.3 PROBLEMA DA PESQUISA

O problema que orienta a pesquisa busca analisar: Como a produção de áudio poderá desenvolver a oralidade nos alunos da Sala de Recursos?

### 1.4 JUSTIFICATIVA

A linguagem oral está intimamente ligada à maturação cerebral, bem como, a interação do indivíduo nos fatores sociais, culturais e emocionais. Na oralidade se estabelecem o desenvolvimento individual e social, os quais estão relacionados ao amadurecimento físico e fisiológico do indivíduo que o prepara e estimula para a fala, acontecendo então conseqüentemente a socialização, onde a fala se estabelece como principal estratégia de interação com o meio que o cerca, interferindo assim, também no psiquismo humano.

A oralidade é uma das principais dificuldades para grande parte dos alunos com necessidades educacionais especiais, o que reflete muitas vezes na escola, em comportamentos de apatia em relação à leitura, fala e socialização. Ocasionalmente por problemas de dicção, atrasos no amadurecimento fisiológico e faltas de estímulos tanto no ambiente escolar quanto familiar.

A pesquisa se justifica por sua inovação e relevância, visto que, são poucas ainda as iniciativas do trabalho com tecnologias dentro da área da Educação Especial, em virtude de ser a Inclusão Educacional uma proposta muito recente dentro da educação, pois, se considerarmos o seu aspecto histórico, a mesma começa a se constituir enquanto ensino apenas na década de 80, e se ainda analisarmos em âmbito Estadual, no caso o Paraná, é ainda mais jovem, sendo que, o primeiro concurso para professores para Educação Especial foi em 2004, com concursados assumindo somente em abril de 2005, onde então se começa a fase de inclusão no Estado, tendo como principal iniciativa: a abertura das Salas de Recursos.

O estudo tem como finalidade estimular os alunos da Sala de Recursos a desenvolverem a oralidade, através da produção de áudio, por meio do software Audacity. Observando a forma como os alunos irão se relacionar com a nova tecnologia, como irão se sentir ao ouvirem sua própria voz – alguns até pela primeira vez – como irão perceber seus erros de pronúncia, tom de voz e entonação da

mesma, e principalmente investigando o quanto o recurso de produção áudio irá desenvolver a fala desses alunos e assim, conseqüentemente a sua autoestima e socialização com os colegas da classe comum, e ainda analisando quais os benefícios que esse aprendizado irá proporcionar ao desenvolvimento acadêmico dos mesmos.

## 1.5 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é investigar o desenvolvimento da oralidade de alunos com necessidades educacionais especiais através da produção de áudio, ou seja, o quanto esse recurso poderá estimular a fala dos mesmos.

A partir do objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- ◆ Identificar as dificuldades de dicção de determinados alunos.
- ◆ Incentivar a oralidade por meio de estratégias pré-determinadas para a produção de áudio.
- ◆ Verificar a importância da produção de áudio no desenvolvimento oral dos alunos.
- ◆ Analisar a importância do desenvolvimento da oralidade na socialização e autoestima dos alunos.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A DEFICIÊNCIA

A deficiência pode ser considerada por um estado em que existe uma limitação funcional em qualquer área do funcionamento humano, avaliada abaixo da média geral das pessoas pelo sistema social onde se insere esse indivíduo. Isso significa que uma pessoa pode ser considerada deficiente em uma determinada cultura e não deficiente em outra, de acordo com a capacidade da mesma em satisfazer as necessidades dessa cultura. Tornando assim, essa definição relativa. Outras definições ainda referem-se à pessoa com deficiência como aquela que se desvia da normalidade nas características físicas, mentais, emocionais e/ou sociais, em tal grau que requer serviços sociais e educacionais especializados, para se desenvolver na sua capacidade máxima.

Segundo a Convenção de Guatemala (2008), no Decreto nº 3956/2001 em seu Artigo 1º, a deficiência é definida como:

[...] uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social.

O Estatuto das Pessoas com Deficiência (2008), no Decreto 3.298/1999 em seu Capítulo 1º, no Artigo 3º, considera:

I - deficiência - toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano;  
II - deficiência permanente - aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos; e  
III - incapacidade - uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que a pessoa portadora de deficiência possa receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem-estar pessoal e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida.

Especifica-se também, logo após no artigo 4º, as deficiências compreendem as seguintes características:

I - deficiência física - alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplicia, triparésia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções;

II - deficiência auditiva - perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras, variando de graus e níveis na forma seguinte:

a) de 25 a 40 decibéis (db) - surdez leve;

b) de 41 a 55 db - surdez moderada;

c) de 56 a 70 db - surdez acentuada;

d) de 71 a 90 db - surdez severa;

e) acima de 91 db - surdez profunda; e

f) anacusia;

III - deficiência visual - acuidade visual igual ou menor que 20/200 no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20º (tabela de Snellen), ou ocorrência simultânea de ambas as situações;

IV - deficiência mental - funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como:

a) comunicação;

b) cuidado pessoal;

c) habilidades sociais;

d) utilização da comunidade;

e) saúde e segurança;

f) habilidades acadêmicas;

g) lazer; e

h) trabalho;

V - deficiência múltipla - associação de duas ou mais deficiências.

De acordo com estimativas divulgadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de dez por cento (10%) da população do planeta apresenta algum tipo de deficiência, sendo:

<b>DEFICIÊNCIA</b>	<b>% ONU</b>
INTELECTUAL	5,0
FÍSICA	2,0
AUDITIVA	1,5
MULTIPLA	1,0
VISUAL	0,5
<b>TOTAL</b>	<b>10,0</b>

QUADRO 1 – ESTIMATIVA ONU

FONTE: Escorsim (1993, p. 10)

Segundo Sasaki (2003), o Brasil encontra-se dividido entre a estimativa levantada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e o resultado do Censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No primeiro caso – ONU – indica que no país há cerca de 17 milhões de pessoas com deficiência, correspondendo a 10% da população geral.

Entretanto, o resultado do Censo 2000 – IBGE - divulgado em 2002, demonstra que 24,5 milhões de brasileiros têm algum tipo de deficiência. O critério, utilizado pela primeira vez nesse levantamento, foi o da CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde<sup>1</sup>, recomendado pela Organização Mundial de Saúde. Conforme esse conceito, 14,5% da população brasileira apresenta alguma deficiência física, mental, ou dificuldade para enxergar, ouvir ou locomover-se. Os dados do Censo mostram também que, no total de casos declarados de portadores das deficiências, 0,83% possuem deficiência mental permanente; 0,41% deficiência física; 2,29% deficiência motora; 4,81% deficiência visual e 1,67% deficiência auditiva.

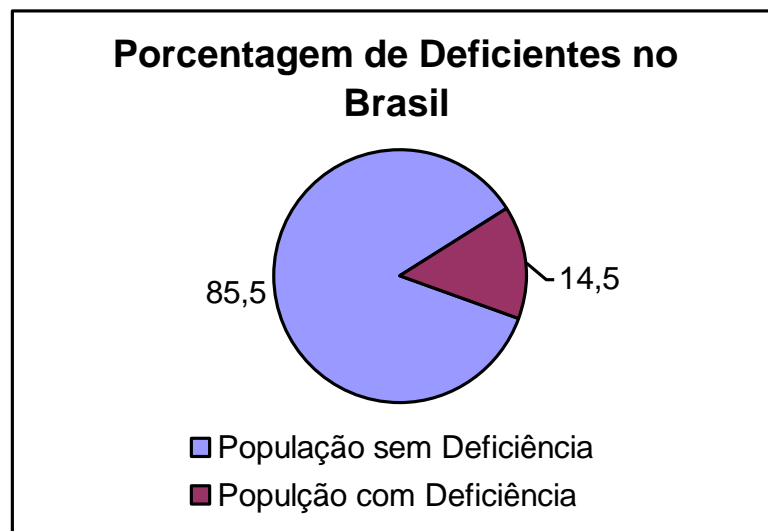


GRÁFICO 1 – PORCENTAGEM DE DEFICIENTES NO BRASIL  
 FONTE: Sasaki (2003, p. 130)

<sup>1</sup> A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) faz parte das atuais classificações desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O modelo da CIF substitui o enfoque negativo da deficiência e da incapacidade por uma perspectiva positiva, considerando as atividades que um indivíduo que apresenta alterações de função e/ou da estrutura do corpo pode desempenhar, assim como sua participação social. A funcionalidade e a incapacidade dos indivíduos são determinadas pelo contexto ambiental onde as pessoas vivem.

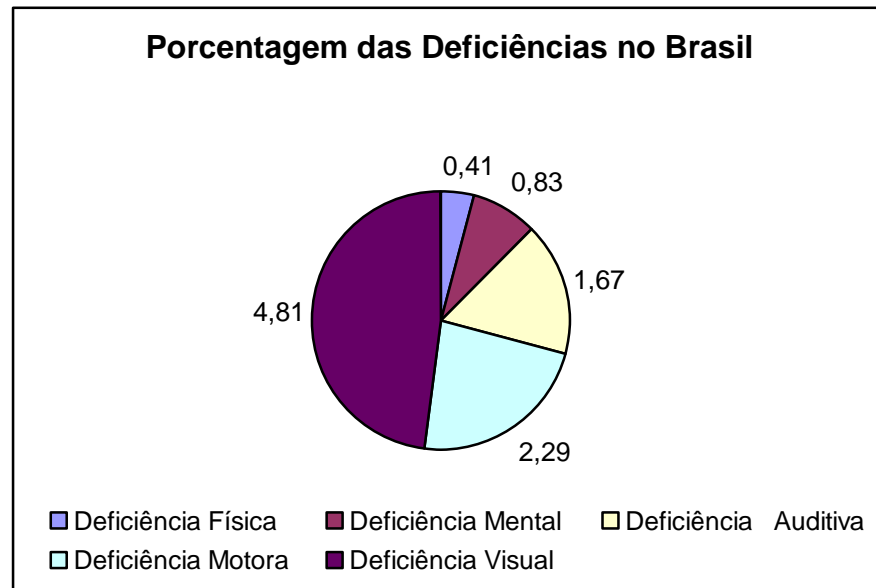


GRÁFICO 2 – PORCENTAGEM ENTRE AS DEFICIÊNCIAS NO BRASIL  
 FONTE: Sasaki (2003, p. 130)

Sasaki (2003) destaca ainda, que no resultado do Censo 2000 – IBGE – observam-se quatro falhas:

1. Deficiência “Física” e “Motora” como tipos distintos um do outro;
2. “Mental permanente” sugerindo não haver tipos não-permanentes de deficiência mental e mostrando que estes não foram incluídos no Censo;
3. A ausência de deficiência múltipla;
4. A não indicação de qual tipo de deficiência ocuparia os 3,49% que completam a referida média nacional.

Diante dessas falhas, o autor sugere que a estimativa da ONU é mais confiável e precisa, em relação ao Censo 2000 – IBGE – o qual se mostrou até incoerente em termos de nomenclatura e resultado.

### 2.1.1 Breve Histórico da Deficiência

A história da atenção voltada aos deficientes é marcada pela segregação e exclusão, sob diferentes aspectos, dependendo do contexto histórico e de seus moldes econômicos de produção, o qual determina o modelo ideal de homem para a época. Assim, cada sociedade tinha uma interpretação diferente a respeito da deficiência e conseqüentemente um modo de encará-la.

Nas antigas Roma e Grécia, com o ideal de perfeição da época, era comum o extermínio (assassinato) ou o abandono das crianças que nasciam deficientes, sem de forma alguma estar indo contra os princípios morais e éticos desse período. Em Esparta<sup>2</sup> (Grécia) e em Roma as pessoas que nasciam deficientes eram abandonadas nas montanhas ou eram lançadas aos rios. Aranha (2003, p. 10) afirma: “A deficiência, nessa época, inexistia enquanto problema, sendo que às crianças que apresentavam deficiências imediatamente detectáveis, a atitude adotada era a da ‘exposição’, ou seja, o abandono ao relento, até a morte”.

Outra questão que os tornavam insignificantes na Antiguidade era o fato de nessa época a fala ser considerada uma característica para a obtenção do direito a cidadania, portanto, o indivíduo que não falava não era considerado um cidadão, logo sendo um escravo. Mas, devido às limitações físicas e/ou mentais das pessoas com deficiência, nem escravos eles poderiam ser, já que não conseguiriam exercer um trabalho, o que os tornavam improdutivos e dispensáveis aquela sociedade, a qual era mantida pela agricultura, pecuária, artesanato e pela arte das guerras.



IMAGEM 1 - HEFESTO<sup>3</sup>  
FONTE: Google Imagens (2010)

---

<sup>2</sup> Plutarco na obra “Licurgo” relata a prática de lançar crianças com deformidades em um depósito chamado “Apotheai”, que se tratava de um abismo entre as montanhas Taygetos, perto de Esparta.

<sup>3</sup> Hefesto, na mitologia grega, (Vulcano em romano) era o deus do fogo. Filho de Hera e de Zeus, teria nascido feio e coxo. A mãe, envergonhada, o jogara do Olimpo ao mar.

Na Idade Média o conceito em relação à deficiência era dividido em duas concepções. Como destaca Aranha (2003, p. 10):

Caracterizada como fenômeno metafísico e espiritual, a deficiência foi atribuída ora a desígnios divinos, ora à possessão pelo demônio. Por uma razão ou por outra, a atitude principal da sociedade com relação à pessoa com deficiência era de intolerância e de punição, representada por ações de confinamento e de castigos severos.

Na primeira concepção, os deficientes eram considerados Filhos de Deus, o que sustentava a ideia de caridade e misericórdia pregadas pelo cristianismo. Sendo nesse período que surgem as instituições de cunho social: hospitais, asilos e abrigos; os quais enfatizavam apenas o assistencialismo e o lado terapêutico.

A segunda concepção pregava que os deficientes eram criaturas do demônio – bruxas, feiticeiros – sendo perseguidos e mortos ou separados do convívio social. Exemplos clássicos dessa época podemos encontrar nos desenhos “Shrek” e “O Corcunda de Notre Dame”. Em “Shrek” se observarmos as características físicas da personagem, percebemos que elas se caracterizam com a Síndrome de Down: baixa estatura, peso acima do normal, mãos curtas e largas, orelhas pequenas, olhos oblíquos, entre outras. O desenho se passa justamente na Idade Média e conta a história de um ogro, tratado por todos como mostro, malvado e demoníaco, que por esse motivo vive isolado na floresta, separado do convívio com as demais pessoas.



IMAGEM 2 - SHREK  
FONTE: Google Imagens (2010b)

Já em “O Corcunda de Notre Dame” de Victor Hugo. Conta-se a história de Quasimodo, um homem de aparência deformada e feições distorcidas, que era mantido em segredo, escondido em uma das catedrais de Paris.



IMAGEM 3 – CORCUNDA DE NOTRE DAME  
FONTE: Google Imagens (2010c)

Outro exemplo clássico do preconceito e falta de entendimento da época em relação aos deficientes, eram os chamados “Bobos da Corte” que muitas vezes eram pessoas com deficiência, principalmente anões e corcundas. Sua função era divertir o rei e a sua corte com palhaçadas e, especialmente, com suas deformidades.

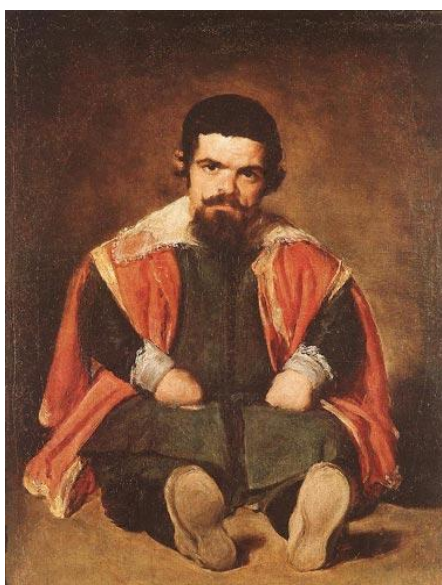


IMAGEM 4 – BOBO DA CORTE (VELÁZQUEZ)  
FONTE: Google Imagens (2010d)

Somente com Santo Tomás de Aquino que a deficiência começa a ser vista como algo natural. Alguns séculos mais tarde, com o Renascimento, a deficiência deixa de ser objeto da Igreja e passa a ser objeto da medicina, pois, nessa época buscavam-se respostas e explicações para os problemas não mais na religião e sim na ciência.

Na França com Jean Itard (1775/1838) surge o primeiro estudo sistemático em reabilitação de uma criança com deficiência, dessa forma, sendo ele considerado o pai da Educação Especial.

No final do século XVIII e início do século XIX, a sociedade passa a ter maior consciência da necessidade de se atender as pessoas com alguma deficiência em instituições especializadas, porém, mais a nível assistencial que educativo. Era uma forma se separá-los do convívio com o restante da população dita “normal”, sendo o período caracterizado pela segregação. Segundo Aranha (2003, p. 11):

O avanço no caminhar da Medicina favoreceu a leitura organicista da deficiência, com as propostas de Paracelso, Cardano e Willis (Pessotti, 1984), a partir das quais a demência e a amênia deixaram de ser vistas como problemas teológico e moral e passam a ser vistas como problema médico. Começaram a surgir os primeiros hospitais psiquiátricos, como locais para confinar, mais do que para tratar, os pacientes que fossem considerados doentes, que estivessem incomodando a sociedade, ou ambos. A mudança na concepção de deficiência (de um fenômeno metafísico para um fenômeno biológico) aliada à prática do acolhimento e confinamento de pessoas diferentes, pela Igreja e pela família, instituiu as bases do primeiro paradigma que passou, gradativamente, a caracterizar formalmente as relações das sociedades ocidentais com o segmento populacional constituído pelas pessoas com deficiência: o paradigma da Institucionalização. Desde seu início, este consistiu da retirada das pessoas de suas comunidades de origem e sua manutenção em instituições residenciais segregadas, denominadas Instituições Totais, em localidades distantes de suas famílias. Pessoas com retardo mental viveram ou foram mantidas em isolamento relativo e, muitas vezes, absoluto, do resto da sociedade.

No início do século XX, os deficientes passam a ter, embora que restrito, o direito a educação escolar, observando-se as possibilidades de aprendizagem para a pessoa com deficiência. Dessa maneira, começam a participar mais do convívio social, mas de forma modesta e sutil. Nesse período a ênfase era na integração, sugerida pela normalização, o que significava que os deficientes deveriam ser integrados a sociedade, mas a mesma não deveria mudar em nada para recebê-los, seja na parte arquitetônica ou atitudinal, a qual ainda era marcada por posturas de segregação, preconceito e discriminação. Aranha (2003, p. 13) afirma que:

[...] a normalização era uma ideologia que advogava a necessidade de inserir o indivíduo deficiente na sociedade mais ampla, auxiliando-o a adquirir as condições e os padrões o mais próximo possível aos da vida cotidiana das demais pessoas. [...] O princípio de normalização deu suporte filosófico ao movimento de desinstitucionalização e ao movimento pela integração social da pessoa com deficiência, responsáveis tanto pela retirada desses indivíduos das Instituições tradicionais, como pela implantação de programas comunitários de serviços para atender às suas necessidades.

Somente nos anos 80 chega à ideia de inclusão, ou seja, incluir o deficiente tanto na escola, quanto na sociedade. Sendo o respeito à diversidade humana cada vez mais valorizado. Esse contexto de inclusão significa que a sociedade deve estar preparada para receber as pessoas com deficiência, o que sugere que é a sociedade quem deve mudar e adaptar-se a essa nova realidade.



IMAGEM 5 – DIREITOS IGUAIS  
 FONTE: Google Imagens (2010e)

### 2.1.2 História e Política da Educação Especial

Historicamente a sociedade criou barreiras frente à questão da deficiência. As marcas dos mitos, preconceitos e discriminações não se apagam, pois, se percebe quatro fases bem definidas neste processo.

Durante os períodos da Antiguidade e da Idade Média, o deficiente permaneceu à margem da sociedade, excluído por extermínio ou abandono de todos, inclusive da família, marcando a fase da **exclusão**.

Embora a fase clínico/assistencialista, não possa ainda ser considerada como passado, no presente nota-se o crescer e fortalecer de ideais da ética

contemporânea: integração e direitos. O homem passa a ser pensado através das relações que mantêm com os outros homens na sociedade, caracterizando a **segregação**.

A política da **integração** sugerida pela normalização entendia que com a garantia do acesso e estruturação paralela de serviços de educação especial, (salas de recursos, classes especiais e salas de apoio pedagógico), estas estariam assegurando a integração plena da pessoa com necessidades educacionais especiais, mas ao mesmo tempo verificavam-se, ainda, atitudes de marginalização, preconceitos e desinformação, dando lugar a uma exclusão.

Na década de setenta do século XX surge, na Suécia e na Dinamarca, um movimento em prol da educação das pessoas com necessidades educacionais especiais que se expandiu para o mundo todo, chegando a ser a filosofia norteadora da Educação Especial. Este movimento resulta, numa progressão histórica que se caracteriza pela busca cada vez maior de democratização das sociedades, da garantia de direitos humanos e de oportunidades justas às minorias, com base em princípios igualitários. Na esfera educacional, esta busca se traduz no desenvolvimento dos princípios de “igualdade de oportunidade” e “educação para todos”. Esses princípios, já haviam sido colocados com clareza e objetividade na “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (1948), nos “Princípios Normativos da Educação” (1968) e na “Constituição Federal da República” (1988), que estabeleceu a Integração de Pessoas com Necessidades Especiais na rede regular de ensino.

Outra consideração importante, é a “Declaração de Salamanca”, realizada em Salamanca, Espanha, no período de 07 de a 10 de junho de 1994, com a participação de mais de trezentos representantes de noventa e dois países, vinte e cinco organizações internacionais, com o objetivo de promover a Educação para Todos.

A Declaração de Salamanca (2010, p. 3), deixa muito clara as linhas de ações que visam ao seguinte termo conceitual:

[...] o termo "necessidades educacionais especiais" refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e, portanto possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização. Escolas

devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas.

Como se percebe, as propostas educacionais surgidas a partir do encontro de Salamanca propõem uma análise das mudanças fundamentais de políticas necessárias para favorecer o enfoque da educação inclusiva, capacitando realmente as escolas para atender a todas as crianças, sobretudo às que têm necessidades educacionais especiais, iniciando, assim, a fase da **inclusão**.

Portanto, se tomarmos a história como referência, se destaca que estamos evoluindo, pois, a deficiência está começando a ser vista como uma condição humana.

### 2.1.3 Atendimento Educacional Especializado – Sala de Recursos

O **Atendimento Educacional Especializado** explica Gomes (2007) é um acompanhamento que visa proporcionar aos alunos com deficiência incluídos no ensino regular, uma educação diferenciada, onde o objetivo é criar meios e estratégias para que estes superem as barreiras impostas pela deficiência. Buscando estimular o aluno para avançar em sua compreensão do que lhe é ensinado, saindo da sua condição mecânica e automática frente ao ensino dessa forma construindo com liberdade o seu conhecimento.

Destaca a autora que o Atendimento Educacional Especializado não tem o intuito de substituir o ensino comum, mas de proporcionar bases e estruturas para que o ensino regular ocorra da melhor forma possível, sendo um complemento à escola comum. Assim, se realizam no contexto da sala de aula, ou em contraturno, por meio da oferta de recursos humano técnicos, tecnológicos, físicos e materiais e têm por objetivo possibilitar o acesso e a complementação do currículo comum ao aluno. Pode também ser chamado de **Serviços de Apoio Pedagógico Especializado**.

Dentre os serviços de apoio pedagógico especializado, o mais frequente são as Salas de Recursos, tanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental quanto para os anos finais. Segundo a Instrução nº 013/08 (SUED/SEED/PR):

#### **Da Natureza**

Sala de Recursos é um serviço de Apoio Especializado, de natureza pedagógica que complementa o atendimento educacional realizado em classes comuns do Ensino Fundamental.

### **Do Alunado**

Alunos regularmente matriculados que freqüentam o Ensino Fundamental nas séries finais e apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem com atraso acadêmico significativo, decorrentes de Deficiência Mental/Intelectual e/ou Transtornos Funcionais Específicos.

Na Sala de Recursos os alunos recebem atendimento em contraturno e a mesma tem por objetivo construir um conjunto de procedimentos específicos, de forma a desenvolver os processos cognitivo, motor, sócioafetivo emocional, necessários para apropriação e produção do conhecimento. O trabalho desenvolvido não deve ser confundido com reforço escolar ou repetição de conteúdos programáticos da classe comum.

Os alunos indicados para as Salas de Recursos devem submeter-se a Avaliação no Contexto Escolar com a participação dos professores da classe comum, professor especializado (educação especial) e equipe pedagógica, bem como, parecer Psicológico confirmando ou não a necessidade desse serviço para o aluno, visto que, a Instrução nº 013/08 é clara ao definir esse apoio especializado a alunos com Deficiência Intelectual e Transtornos Funcionais Específicos:

- Deficiência Intelectual: limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, como nas habilidades práticas, sociais e conceituais, que se revelam antes dos dezoito anos de idade.
- Transtornos Funcionais Específicos: são distúrbios de aprendizagem, entre eles dislexia, discalculia, disortografia, disgrafia e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

## 2.2 LINGUAGEM ORAL

### 2.2.1 A Origem da Fala

Os macacos antropomorfos<sup>4</sup> por terem que se firmar nos galhos com suas mãos, as mesmas começaram a desempenhar funções diferentes das dos pés, o

---

<sup>4</sup> Animais com todo corpo cobertos de pêlo, com barba, orelhas pontiagudas, que viviam em manadas e sempre em árvores.

que os fez gradualmente não utilizá-las para caminhar no chão e assim, pouco a pouco, adquirindo uma postura mais ereta, surgindo dessa maneira o passo.

Foi justamente através do trabalho da mão em apoiar-se nas árvores, que o homem ganhou a liberdade da mesma e pode assim ir evoluindo cada vez mais em destreza e habilidade. Com a mão livre o homem pode apanhar e segurar alimentos e objetos, construir instrumentos mais precisos e defender-se de inimigos atirando pedras, frutas ou pedaços de pau. Tal variedade de utilizações para a mão no período considera-se como trabalho e foi precisamente através desse processo que surgiu a necessidade de se comunicarem uns com os outros. O que originou pouco a pouco, o desenvolvimento do órgão vocal. Segundo Engels (1990) a laringe do macaco foi se modificando através de modulações cada vez mais perfeitas, ao mesmo tempo, as articulações da boca evoluíram no mesmo ritmo, aumentando assim o número de sons cada vez mais articulados. Pode-se afirmar que a origem da linguagem é a partir do trabalho e pelo trabalho. Para Engels (1990, p. 25):

O trabalho, primeiro, depois a palavra articulada, constituíram-se nos dois principais fatores que atuaram na transformação gradual do cérebro do macaco em cérebro humano que, não obstante sua semelhança, é consideravelmente superior a ele quanto ao tamanho e à perfeição.

O desenvolvimento do cérebro desencadeou o avanço dos órgãos dos sentidos, os quais são imediatos a oralidade humana. O progresso gradual da linguagem foi estimulando a evolução do ouvido, concluindo-se que o aperfeiçoamento total do cérebro está diretamente ligado aos órgãos sensoriais. Engels (1990, p. 25) afirma:

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a evolução da consciência cada vez mais clara, sua crescente capacidade de discernimento e abstração atuaram, por sua vez, sobre o trabalho e a palavra imprimindo-lhes um processo evolutivo maior. Mesmo após a definitiva separação do homem em relação ao macaco, tal desenvolvimento prossegue ininterruptamente, agora com diferenças de grau e de sentido entre diversos povos e diferentes épocas, freando aqui e ali temporariamente, mas, no seu todo, avançando aceleradamente com um novo impulso graças à sociedade – novo elemento surgido com o homem já plenamente caracterizado como tal.

Outro significativo fato para o desenvolvimento do cérebro humano foi a alimentação cada vez mais diferenciada. A caça e a pesca ofereceram um cardápio rico em nutrientes, o que favoreceu significativamente o metabolismo humano. Dessa forma, com o uso da carne na dieta alimentar, surgiram dois grandes avanços: o uso do fogo e a domesticação de animais. O primeiro, reduzindo ainda mais o processo digestivo e o segundo, multiplicando as reservas de carne e de quebra fornecendo leite e derivados.

Assim, o desenvolvimento do uso das mãos, o surgimento da fala e o uso da carne na alimentação, desenvolveram tanto o cérebro quanto os sentidos, como tornou a consciência cada vez mais clara, aumentando a sua capacidade de discernimento e abstração, ocasionando um avanço tanto na fala como nas formas de trabalho.

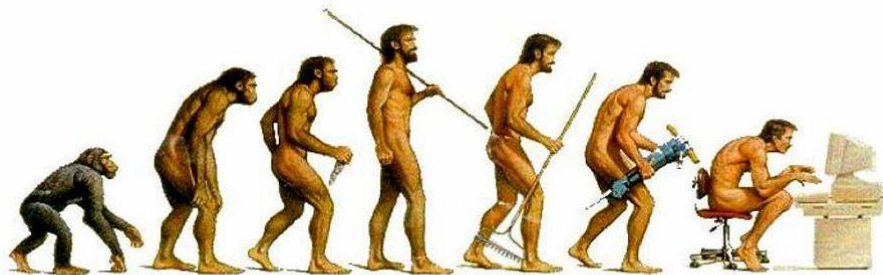


IMAGEM 6 - EVOLUÇÃO  
FONTE: Google Imagens (2010f)

### 2.2.2 Aspectos Orgânicos da Fala

O falar é tão comum e próprio do ser humano, que é instintivo em nossa espécie nos comunicarmos através da linguagem oral. Porém, o que parece tão fácil e natural, depende de mecanismos fisiológicos complexos, os quais se não estiverem em perfeitas condições podem comprometer a fala e conseqüentemente a socialização do indivíduo.

Segundo Rocha<sup>5</sup>, citado por Negrão (2003) a linguagem oral é uma mímica motora que necessita da produção do som para ser dirigida a outros indivíduos, utilizando-se da capacidade motora facial, manual e orofaríngeana.

---

<sup>5</sup> ROCHA, A. F. **O Cérebro – um breve relato de sua função**. São Paulo: Fapesp, 1999.

A linguagem oral na espécie humana se inicia ainda na tenra infância, antes do 1º ano de vida, é um período pré-linguístico, onde o bebê grita e produz sons sem a intenção de comunicação, que correspondem a conexões córtico-subcorticais não amadurecidas. Mais tarde as lalações vão se tornando repetições do que ouvem dos adultos e do ambiente que o cerca, aos poucos o bebê vai saindo da ecolalia e entrando no período linguístico, pronunciando a princípio palavras isoladas, em seguida frases simples até chegar as mais complexas. E o vocabulário vai se enriquecendo rapidamente. Nesse aspecto, pode-se afirmar que o desenvolvimento da fala nos bebês, imita o desenvolvimento da linguagem na espécie humana, ratificando a afirmativa de que ontogênese imita a filogênese.

No hemisfério esquerdo é onde se encontram – geralmente – as funções da linguística. Paul Broca no século XIX, ao fazer estudos de necropsia, concluiu que o centro da fala está localizado na terceira circunvolução frontal, surgindo assim, o termo Área de Broca, a qual se situa no córtex do giro frontal inferior ocupando toda a porção opercular e parte da porção triangular. Uma lesão nessa área pode ser chamada de Afasia<sup>6</sup> de Broca, prejudicando a linguagem oral: fala difícil e outros problemas orais.

Valle (2008, p. 27) afirma:

A Afasia de Broca caracteriza-se por uma redução na linguagem e na dificuldade de articular as palavras, embora a compreensão não seja afetada, como o comprometimento de Wernicke. [...] Costuma estar associado a uma hemiplegia direita.

Alguns anos mais tarde, em meados do século XIX e início do século XX, como afirma Rocha, em Negrão (2003) o médico Carl Wernicke associou a capacidade de compreensão da fala ao primeiro giro do lobo temporal. Então chamada Área de Wernicke, correspondente a primeira circunvolução temporal esquerda na conjunção entre os lóbulos temporal e parietal, sendo a parte mais posterior a Área 22 de Brodmann. Uma lesão nessa área pode acarretar dificuldades de compreensão das palavras, frases e textos transmitidos através da fala, podendo ser conhecida como Afasia de Wernicke ou sensorial.

Segundo Valle (2008, p. 25):

---

<sup>6</sup> Afasias são desorganizações da linguagem que se referem tanto a expressão, quanto a compreensão, tanto dos aspectos falados, quanto escritos, tendo ligações a danos nas áreas cerebrais especializadas em funções linguísticas.

A área de Wernicke é uma zona de coordenação recíproca que relaciona as representações sensoriais das formas auditivas e visuais das palavras com as redes associativas responsáveis pela construção da representação semântica das palavras. Alteram-se a compreensão e a organização de categorias de conhecimento.

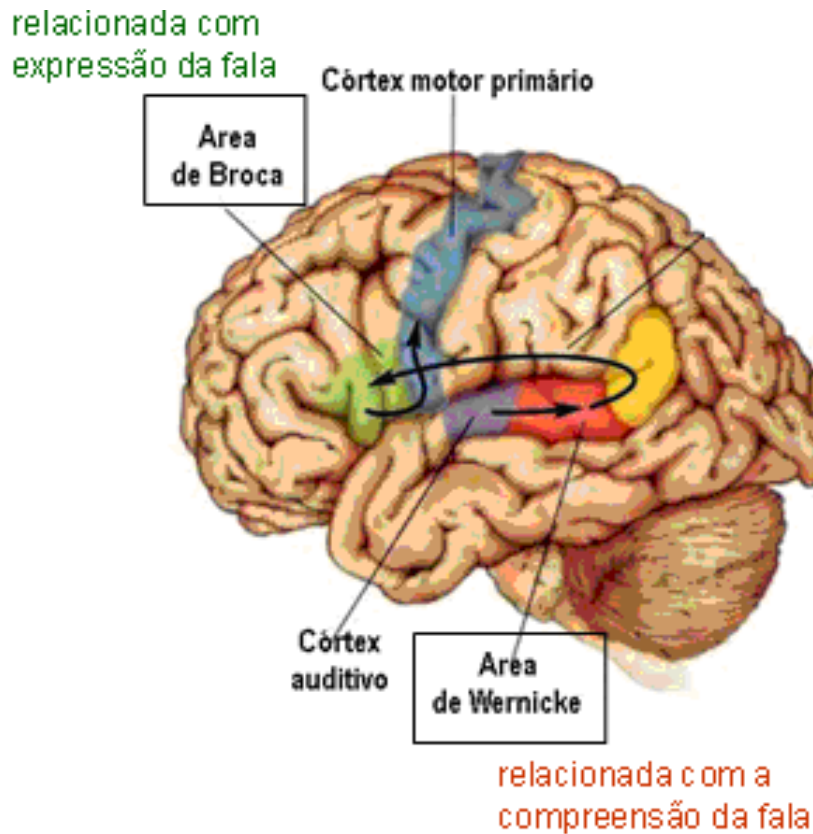


IMAGEM 7 - CÉREBRO  
 FONTE: Google Imagens (2010g)

A fala exige antes, a elaboração de um pensamento, de uma ideia (pensamento pré-linguístico), necessitando da seleção de signos linguísticos (palavras) e depois da seleção de padrões sensório-motores, adequados a articulação da fala: motricidade dos músculos faciais, língua, faringe e laringe que são controlados pelos nervos cranianos trigêmeo, facial, hipoglosso e acessório. A informação é enviada, ao mesmo tempo em que é transmitida para os núcleos dos nervos cranianos já mencionados. O cerebelo é responsável pela sequência de movimentos da fala e pela monitoração da fonação, sendo o ato motor. A fonação depende de circuitos neurais para a movimentação autônoma da mandíbula, língua, músculos torácicos e diafragma.

## corpo caloso



IMAGEM 8 - CORPO CALOSO  
 FONTE: Google Imagens (2010h)

Rocha, citado por Negrão (2003, n. p.) relata que:

[...] a Área de Broca é encarregada da organização fonética da fala e está localizada, em geral no hemisfério esquerdo. Com relação à organização das áreas encarregadas da organização da prosódia (entonação, segmentação supra-fonética, modulação emocional e etc.) estão localizadas no córtex frontal direito. Esta afirmação remete a uma intensa troca de informações entre os dois hemisférios para a integração entre a programação fonética e a prosódia. [...] estas trocas inter-hemisféricas são feitas através do corpo caloso.

Essa relação entre os dois hemisférios possibilita que um mesmo fonema seja pronunciado de várias formas, dependendo do contexto da frase ou do conteúdo emocional.

Para professor Egídio Romanelli (1985, p. 107):

[...] é essencial para a linguagem que o cérebro do indivíduo seja capaz de elaborar toda essa preparação para a linguagem oral. [...] Qualquer área nervosa que seja lesionada, vai ter alguma repercussão na linguagem, sobretudo o que estiver ligado ao hemisfério dominante.

Assim, se destaca que patologias no cérebro, podem acarretar dificuldades na fala, tais como de pronúncia/dicção, elaboração de ideias/pensamentos, fala difícil, dificuldade de leitura, falta de compreensão da linguagem oral de terceiros, apatia verbal (não querer falar) entres outros distúrbios, os quais muitas vezes caracterizam o indivíduo como uma pessoa com necessidade educacional especial.

### 2.2.3 A Linguagem Oral e o Pensamento

A linguagem oral nos caracteriza enquanto seres humanos, sendo o homem um animal essencialmente comunicativo. É esse poder linguístico que nos difere de todos os outros animais, visto que, nos comunicamos não só por palavras, mas, também por expressões faciais e corporais, além do que, para nos comunicarmos com eficiência necessitamos antes elaborar pensamentos e ainda compreender a linguagem de outras pessoas.

Segundo Saussure<sup>7</sup>, citado por Souza (2007, p. 505):

[...] a criatividade lingüística faz com que nos destaquemos em meio a todos os outros animais. Estes possuem voz (*phoné*) e com ela exprimem dor e prazer, mas o homem possui a palavra (*lógos*) – o signo lingüístico composto de significante (imagem sonora) e significado (representação mental) -, componente gerador da linguagem verbal como instituição social.

A linguagem nos constitui socialmente, através dela nos relacionamos com outras pessoas e com o ambiente a nossa volta. Para Bakhtin<sup>8</sup>, em Souza (2007) o indivíduo surge do outro a partir da interação verbal e não do proferido em si; através de experiências dialógicas com outras pessoas, é que o “eu” do sujeito se organiza para se tornar “autor” de si mesmo. Sendo a noção do “eu” uma representação das interações sociais do indivíduo.

Para Vigotski<sup>9</sup>, citado por Souza (2007) a linguagem e o pensamento são estreitamente ligados, sendo o interpessoal a condição para o intrapessoal, ou seja, a formação da consciência individual só é possível através da interação, da negociação de sentidos, da representação de papéis, da constituição de identidades.

<sup>7</sup> SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

<sup>8</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

<sup>9</sup> VIGOTSKI, Lev Semynovich. **Pensamento e Linguagem**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

A fala é cheia de significados, ao falarmos estamos nos expressando pautados em vivências, interações, enfim, sobre o que sabemos do mundo e o que ele nos permite dizer.

[...] o ato da fala configura-se em três desafios a serem enfrentados pelo falante: o primeiro é “ter o que dizer”, é mobilizar todo o seu conhecimento de mundo, articulá-lo com as próprias crenças pessoais, com os próprios conceitos e preconceitos, herdados ou adquiridos. O segundo é “querer dizer” o que se “tem a dizer”, é desejar expressar-se, é reconhecer-se digno do dom da palavra ou do direito à palavra, é acreditar que o dito ou não dito pode marcar sua presença. Mas não basta apenas “querer dizer”, é preciso “poder dizer”; este é o terceiro desafio e também o mais difícil, pois, o poder implica sempre uma rede de relações construídas num jogo muitas vezes velado. (GERALDI<sup>10</sup>, apud SOUZA, 2007, p. 509).

#### 2.2.4 Relação Oralidade X Escrita

O homem é instintivamente motivado à fala - caso não exista nenhuma patologia que comprometa a aquisição da linguagem oral - começamos a falar logo no primeiro ano de vida. Desta forma, como cita Souza (2007, p. 509): “Tendo em vista ser o homem, por natureza, falante e ouvinte, e não escritor e leitor, ele necessita ser iniciado na cultura escrita”. No entanto, o processo de aquisição da linguagem escrita, é mais complexo e por consequência precisa ser ensinado ao ser humano.

Oralidade e escrita se complementam no processo de transmissão e aquisição de conhecimento. Para Orlandi<sup>11</sup>, citado em Souza (2007) só faz sentido escrever se existirem leitores que darão ao texto os vários sentidos possíveis, e através da assimilação do mesmo o irão expressar em suas falas.

Não raro, porém, encontramos na sociedade a valorização excessiva da linguagem escrita em detrimento da linguagem oral. Como se a oralidade precisasse estar sempre pautada com vistas à gramática tencionada para a escrita.

A fala é naturalmente dinâmica, enquanto a escrita rompe com a temporalidade da mesma. Sendo elas, as duas faces de uma mesma moeda: a **comunicação**.

<sup>10</sup> GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>11</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2001.

## 2.3 COMUNICAÇÃO, RÁDIO E EDUCAÇÃO

### 2.3.1 A Evolução da Comunicação

A linguagem surgiu tendo em sua gênese a comunicação, conviver exigia meios de se fazer entender, e recursos para entender aos demais, o que ao mesmo tempo contribuiu para o desenvolvimento da espécie. Assim, no desenvolvimento da humanidade se destacam três períodos relacionados à comunicação,

O primeiro é o surgimento da oralidade, onde o homem percebe que pode se comunicar através de sons articulados pela boca, esse período foi marcado pela transmissão de conhecimentos através de narrativas orais e a comunicação era realizada de forma direta emissor-receptor, compreendendo sincronias de tempo e espaço. A fala surge e caracteriza o homem como ser pensante, diferenciando-o assim dos demais animais.

Segundo McLuhan (2007, p. 97):

A linguagem é para a inteligência o que a roda é para os pés, pois lhe permite deslocar-se de uma coisa a outra com desenvoltura e rapidez, envolvendo-se cada vez menos. A linguagem projeta e amplia o homem, mas também divide suas faculdades. A consciência coletiva e o conhecimento intuitivo ficam diminuídos por esta extensão técnica da consciência que é a fala.

Na medida em que o tempo foi passando a linguagem oral, deu espaço a escrita, o segundo período da comunicação. Nesse momento as informações começam a ser registradas e com isso ultrapassam a barreira espaço/tempo, pois, os registros (se preservados) podiam – e podem - ser analisados muitos anos após a sua realização. Outra característica significativa está no fato, de que para escrever se deve ter organização de ideias e pensamentos, o que automaticamente desenvolveu a cultura e a inteligência humana. Como ratifica Higuchi (2008, p. 51):

A descoberta da escrita altera o processo histórico da humanidade, possibilitando uma comunicação entre pessoas distantes, no espaço e no tempo, o que antes não era possível, pois a oralidade não prescindia a interação direta entre os indivíduos.

Surge a literatura e a imprensa, começando assim, uma nova etapa para a civilização, os conhecimentos acumulados podiam ser registrados e com isso, transmitidos entre as gerações.

O terceiro período caracteriza-se para Silva (2004) como a *era da imagem e do som*, chamado de Linguagem Digital, é o período dos Meios de Comunicação em Massa, representados a princípio pelo rádio e pela televisão, e atualmente também pelos computadores, internet, celulares, ipod's e tantos outros recursos tecnológicos disponíveis à comunicação.

Conclui-se que desde que o homem começou a viver em grupos e necessitou de estratégias cada vez mais sofisticadas para se comunicar, a ciência veio avançando nesse aspecto consideravelmente. Passamos pela a invenção da imprensa, do telégrafo, do rádio, do telefone, da televisão, do computador e enfim da Internet e com ela várias possibilidades de comunicação, tanto síncronas<sup>12</sup>- como chat, msn, vídeoconferências, quanto assíncronas<sup>13</sup> - como fóruns, e-mails, orkut, e outros. Ainda segundo Silva (2004, p. 136):

Jornal, rádio, televisão, cinema; os meios mudaram, tornaram-se mais ágeis e acessíveis; atingindo a quase totalidade da população. Nestas últimas décadas, vivemos uma verdadeira revolução tecnológica [...]. O homem do final do século XX é totalmente dependente dos meios de comunicação para se informar, se divertir e estar ligado ao mundo.

Curiosamente, conforme Kenski (2007) a humanidade ao se sentar em torno da televisão para se informar e se distrair, perpetua o ritual primitivo que ocorria nas rodas em torno da fogueira, onde os líderes mais experientes ou fortes orientavam a tribo com conselhos, ordens e histórias. Atualmente quem representa esse papel são os locutores e artistas, os quais acabam ganhando significativo papel na formação intelectual dos espectadores. Mesmo diante de milhões de anos de evolução intelectual, o homem ainda é regido pelo seu gene, como a pré-disposição a fala, a convivência em grupos, a necessidade de receber ensinamentos, acasalar, ter uma prole, enfim, evoluímos enquanto espécie, mas paradoxalmente, as necessidades sempre foram as mesmas - conviver e se comunicar, aonde mudaram-

---

<sup>12</sup> Síncrona: a comunicação é instantânea, onde emissor e receptor estão conectados a internet (on line).

<sup>13</sup> Assíncrona: a comunicação não é imediata, emissor e receptor não estão conectados a internet ao mesmo tempo (off line).

se apenas as estratégias, e o rádio conforme Consani (2007) acaba resgatando a dimensão oral da comunicação.

### 2.3.2 Os Meios de Comunicação na Educação

À medida que se entende a construção da comunicação pela civilização e como ela se dá, fica claro o papel educacional que a mesma possui para a humanidade. Onde a educação não pode se negar a tais mudanças e avanços, devendo caminhar junto com as evoluções da comunicação. Infelizmente vivemos ainda, um modelo de ensino que está pautado apenas nos dois primeiros períodos da comunicação: a oralidade e a escrita. Os conhecimentos em sala de aula são na maioria das vezes, transmitidos especialmente pela fala e reforçados pela escrita, seja realizando cópias do que o professor passa no quadro ou fazendo leitura de livros.

A autora Kenski (2007, p. 29) esclarece:

Na escola, professores e alunos usam preferencialmente a fala como recurso para interagir, ensinar e verificar a aprendizagem. Em muitos casos, o aluno é o que menos fala. A voz do professor, a televisão e o vídeo e outros tipos de “equipamentos narrativos” assumem o papel de “contadores de histórias” e os alunos, de seus “ouvintes”. Por meio de longas narrativas orais, a informação é transmitida, na esperança que seja armazenada na memória e aprendida.

Ignoram-se muitas vezes as possibilidades das imagens, dos sons e das novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s. O momento é de inovar, ousar e refazer a educação, a escola não pode permanecer aquém de seu tempo, segundo Silva (2004, p. 137):

A sociedade do início do século não é a mesma de hoje. Os meios de comunicação de massa passam a fazer parte do nosso cotidiano e isso não pode ser negado pela escola ou por qualquer outra instituição. Conhecer melhor a forma de produção e difusão da informação através dos *media* pode nos ajudar a fugir da alienação a que eles muitas vezes nos submetem.

Desta forma as TIC’s – Tecnologias de Informação e Comunicação estão cada vez mais inseridas dentro do espaço escolar e conseqüentemente exigem uma nova postura da educação, onde as tecnologias estão a serviço do processo ensino aprendizagem. Como afirma Barros e Menta (s.d., p. 16):

A chegada de novos artefatos tecnológicos na escola, como Internet, tv digital, jornal e rádio podem assustar, mesmo porque estes não têm chegado em caixas com seus respectivos manuais inteiramente pedagógicos. Estes artefatos tornam-se presentes não apenas como fontes para aquisição de informações, mas para incorporar, produzir e disseminar descobertas e ações na busca de realizações que possam promover à aprendizagem dos alunos. [...] As várias mídias integradas em sala de aula, como meios de comunicar e fazer aprender, são mais um desafio que quando enfrentado pode ou não potencializar os bons resultados no trabalho pedagógico.

As novas tecnologias trazem a luz uma nova forma de ensinar, lógico que elas, são as estratégias - os recursos, para se atingir um objetivo, e não o foco da aprendizagem. Ao que destaca Kenski (2007, p. 45):

As novas tecnologias de comunicação (TIC's), sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado.

É necessário planejamento bem estruturado por parte dos docentes, ao utilizarem as tecnologias em suas práticas pedagógicas, pois, sem aulas previamente elaboradas, usar as mídias, não irá promover em nada a aprendizagem dos alunos, assim, deve existir por parte dos professores comprometimento com o uso consciente das TIC's.

### 2.3.3 O Rádio Como Meio de Comunicação e Expressão

O Rádio se caracteriza como uma mídia de comunicação, e como tal tem a responsabilidade de transmitir conhecimento e informação, infelizmente, nem sempre de formas ética e coerente.

Segundo Silva (2004) o Rádio surgiu no Brasil em 1923 com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que foi fundada por Roquete Pinto, até 1930 essa mídia não contava com recursos financeiros para se manter, assim, eram chamadas de clubes ou sociedades. Na década de 30, começa uma transformação nas rádios, a indústria começa a crescer e produtos importados começam a chegar ao mercado

brasileiro, o que faz surgir à necessidade de anúncios para vender tais produtos. Nessa época Silva (2004, p. 141) destaca que:

A própria linguagem radiofônica se modifica e passa a ter suas especificidades; jornalistas, teatrólogos, publicitários começam a atuar nas promoções, que deixam de ser elitizadas para se tornar coloquiais, simples e diretas.

O autor ainda aponta que ao contrário da Europa e dos Estados Unidos onde o rádio tinha a princípio forte influência do governo – Estado, no Brasil a radiofonia era concebida com o intuito comercial, com pouca participação do governo. Além dos comerciais, a programação era planejada de acordo com o gosto popular, e o entretenimento fica em primeiro lugar, sendo esse caracterizado por músicas, humorismo, variedade e informações. O auge do rádio no Brasil foi entre os anos de 1936 a 1950, nessa época o número de estações de rádio cresceu em todo o país, tornando-o um grande meio de comunicação em massa, sendo a chamada *Era de Ouro* da rádio brasileira.

O surgimento da televisão desestabilizou a primazia do rádio, competir com imagens e sons, se tornou comercialmente difícil. E até a década de 60, os rádios eram grandes e pesados aparelhos, difíceis de transportar, assim, tinham que ficar em um cômodo da casa. Com as novas tecnologias de transistores, o rádio torna-se menor e móvel, podendo ser levado a qualquer lugar e ser de uso particular de uma pessoa. Dando ao seu portador a liberdade de espaço. Ao que Silva (2004, p. 155) afirma:

A televisão, o rádio, o computador, o jornal, o telefone, todos esses veículos entram diariamente em nossa casa com tanta intimidade que já não nos apercebemos deles. Mas nenhum desses meios nos permite tanta cumplicidade quanto o rádio. Dirigir, ler, trabalhar [...], tomar banho, correr na praia, descansar, enfim quase todas as atividades podem ser embaladas ao som desse bom e velho companheiro.

O rádio como qualquer outro meio de comunicação em massa está presente no cotidiano dos indivíduos, e infelizmente se caracteriza por estar a serviço de uma minoria ligada ao poder. A atual legislação de concessões para rádios e televisões, fortalece esse cenário, onde as mesmas muitas vezes são liberadas, segundo Silva (2004) como *instrumento de barganha*.

Ao fazer parte do cotidiano das pessoas, de certa forma até sutil, visto que, a grande maioria da população tem o hábito de ouvir rádio enquanto faz outras atividades, o rádio fica como um “plano de fundo”, uma divertida distração, que discretamente transmite mensagens subliminares, as quais de tanto serem ouvidas acabam sendo assimiladas e incutidas no subconsciente dos ouvintes. Assim, tornando-o uma poderosa ferramenta de transmissão de ideologias, de consumismo e até de alienação.

Para McLuhan (2007, p. 336):

O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular. As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco.

O poder que o rádio tem na vida das pessoas é significativo, mesmo com o advento da televisão, essa mídia não perdeu o seu lugar, mas, assim, como toda mídia, deve ser analisada de forma crítica e com bom senso, evitando assim, as armadilhas de ideologias ligadas ao poder.

Além de comunicar a rádio também expressa. Nela muitas pessoas, lugares e sistema de ideias encontram espaço para se fazerem ouvir, seja por mensagens diretas (participação em estúdio), ou por identificação e projeção. A linguagem simples e a forma prosaica de expor seus conteúdos tornam o rádio próximo das pessoas, de seus conflitos internos, de seus sentimentos e de suas vidas.

Afirma Higuchi (2008, p. 120):

A mensagem radiofônica se faz cordial pela atenção que dedica às classes populares quer seja pela programação de músicas populares, nordestinas ou sertanejas, quer pela atuação dos locutores com sua linguagem coloquial e emotiva colocando-se no lugar de um amigo ou pelo discurso individualizado destinado à pessoa que telefona ou endereça cartas à emissora.

O Rádio como forma de expressão vem ganhando espaço dentro das Rádios Comunitárias nelas se perdem o foco comercial e ideológico da minoria privilegiada, pois, estas estão a disposição de uma comunidade e ou sociedade, para

representarem e transmitirem seus ideais de forma participativa. Nas Rádios Comunitárias, conforme Silva (2004, p. 153):

[...] no plano da recepção, a comunicação mostra-se aberta à participação das pessoas e práticas solidárias, o mesmo acontece no âmbito da produção e emissão de mensagens. No movimento popular, a produção e a operação dos canais de comunicação são franqueadas aos integrantes da comunidade. Isso ocorre nas redações dos boletins, produção de vídeo e rádio comunitários; enfim, onde o ato de comunicação se dá de forma participativa.

Nesse novo modelo de Rádio o ouvinte, saí de sua posição passiva em relação ao que é transmitido, e passa a ser atuante como ser que pensa e pode ser autor do seu próprio conhecimento. Ainda para Silva (2004, p.153) a Rádio Comunitária “pressupõe uma participação ativa do receptor – ouvinte, que projeta na mensagem suas expectativas de significado a partir de seus referenciais de sentido e o faz de maneira coletiva.” Estamos diante de um novo momento dentro dos Meios de Comunicação em Massa, onde os menos privilegiados ganham espaço e com ele o poder mudar e criar novas perspectivas de vida.

#### 2.3.4 O Rádio e o Áudio na Educação

O rádio sendo uma mídia tão popular e prosaica tem grande influência no cotidiano das pessoas, tanto que essa forma de comunicação, junto com a TV, são as fontes de informação da maioria população. Segundo Pinto<sup>14</sup>, citado em Citelli (2010, n.p.):

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito dos pobres; é o animador de novas esperanças; o consolador dos enfermos; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.

No rádio encontramos estruturas linguísticas que respeitam o popular, os regionalismos, as gírias, enfim, linguagens do nosso cotidiano e que encontram espaço dentro das rádios, sendo essa uma das suas principais características. Citelli (2010, n.p.) afirma que:

---

<sup>14</sup> Edgard Roquette-Pinto: pioneiro da radiofonia e televisão no Brasil, com a intenção de difundir a cultura.

[...] estamos diante de um veículo que caminha pelos ritmos e tons mais informais da língua, permitindo, deste modo um grau de coloquialidade que certamente cria fluxos de maior proximidade entre produtores, radialistas e público.

A proximidade com o público torna o rádio um veículo de informação de fácil compreensão, o que justifica a sua aceitação em massa. Tamanho significado de uma mídia na vida das pessoas não pode ser ignorado pela escola, onde o rádio se torna uma rica possibilidade de aprendizado para os alunos.

No entanto, o espaço escolar, ainda está associando o trabalho com o Rádio, a atividades relacionadas ao desenvolvimento de análise críticas referente a programas veiculados pelas rádios. Tais atividades são importantes e despertam o senso crítico do aluno, o que é muito saudável e promissor. Porém, não esgotam as possibilidades que essa mídia oferece a educação, tais como, o aluno ser autor do seu próprio conhecimento, através de produções de áudio e participações em rádio escolares.

### 2.3.5 O Áudio na Educação Especial

O rádio/áudio por ser uma mídia simples e sem grandes exigências mentais acaba por atrair bastante os alunos com necessidades educacionais especiais, tornando-se ao lado da televisão, as suas principais fontes de entretenimento e informação. Assim, o áudio pode se configurar em uma rica ferramenta de comunicação e expressão da linguagem oral dos mesmos, por meio de produções de áudio.

Ao fazerem gravações e ouvirem sua própria voz, os alunos se percebem enquanto sujeitos atuantes de um contexto social – a escola. Muitos alunos devido as suas limitações orais – dificuldades na leitura, fala, pronúncia, entonação, entre outras – apresentam significativos problemas de socialização e conseqüentemente de autoestima, assim, se tornam isolados e até rejeitados. E as produções de áudio se regem de um princípio básico, trabalhar em grupo, com a participação e colaboração de outros, visto que, conforme Ribeiro, Menta e Amorim (2010, n.p.): “Rádio se faz em equipe. Essa é uma premissa básica para o desenvolvimento de um programa ou de qualquer produto do veículo rádio.”

A oralidade, outro fator tão difícil para alunos com deficiência intelectual e/ou transtornos funcionais específicos<sup>15</sup> é beneficiada com as produções de áudio, pois, para uma boa gravação são necessários exercícios de pronúncia, entonação, ênfase, ritmo, intensidade da voz, e até mesmo o tempo do silêncio, as pausa.

Aprender essas regras da fala fluente e organizada irá desenvolver a linguagem oral desses alunos não apenas para as gravações de áudio, mas principalmente para a boa leitura, a conversação coerente e argumentativa, e conseqüentemente melhorará a sua autoestima, socialização e aprendizado.

---

<sup>15</sup> Ver Fundamentação Teórica: Atendimento Educacional Especializado – Sala de Recursos (p.23).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

O presente estudo, com base nos objetivos propostos, apresenta-se como pesquisa qualitativa, pois, de acordo com Bicudo (2006) esse tipo de trabalho se favorece de descrições de experiências, relatos de compreensões, respostas abertas a questionários, entrevistas com sujeitos, relatos de observações e outros procedimentos que deem conta de dados sensíveis, de concepções, de estados mentais, de acontecimentos. Compreendendo um conjunto de diferentes técnicas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Indagando, questionando e analisando acerca de limites e possibilidades.

Segundo Gil (2002, p. 17):

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Caracteriza-se também como pesquisa bibliográfica que fornece a teoria sobre o assunto pesquisado com embasamento em leituras, ou seja, é a busca de uma problematização a partir de referenciais publicados. Lüdke e André (1986) afirmam que para realizar uma pesquisa é necessário favorecer um confronto entre informações sobre um tema, reunidas através do conhecimento acumulado a respeito deste, por meio de estudos do que foi elaborado e sistematizado pelos que já trabalharam o assunto anteriormente.

Ainda, de cunho descritivo que se ocupa com o estudo e a descrição das características ou relações existentes no fato da pesquisa, utilizando-se dessa forma do estudo exploratório onde não há suposições a serem provadas, mas simplesmente a busca por maiores informações sobre o tema. Para Gil (2002, p. 42):

Há, porém, pesquisas que, embora definidas como descritivas com base em seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação

prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc.

Contemplando ainda estudo de campo que visa avaliar as ações e interferências realizadas no âmbito social, elaborada junto à natureza ou sociedade, aqui no caso a Sala de Recursos. Segundo Gil (2002, p. 53):

[...] o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. [...] o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado.

### 3.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

O presente estudo tem como sujeitos da pesquisa quinze (15) alunos da Sala de Recursos<sup>16</sup> do horário vespertino, do Colégio Estadual São Cristóvão – NRE União da Vitória. Desses, seis (6) possuem algum tipo de Transtorno Funcional Específico (dislexia, discalculia e disgrafia) e nove (9) têm Deficiência Intelectual.

No trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais, foi possível observar, que devido a problemas de ordem fisiológica e/ou psicológica, grande parte desses alunos possuem alguma dificuldade na oralidade, seja, no ritmo, na pronúncia, na entonação, no volume e até mesmo na apatia em relação a linguagem oral (quase não falam e geralmente se negam a fazerem leituras). O que prejudica tanto o aprendizado acadêmico dos mesmos como a socialização e consequentemente a autoestima.

Gil (2002, p. 130) destaca:

Esta etapa representa um período de investigação informal e relativamente livre, no qual o pesquisador procura obter, tanto quanto possível, entendimento dos fatores que exercem influência na situação que constitui o objeto de pesquisa. Constitui, portanto, uma etapa cujo objetivo é o de descobrir o que as variáveis significativas parecem ser na situação e que

<sup>16</sup> Ver Fundamentação Teórica: Atendimento Educacional Especializado – Sala de Recursos: (p.23).

tipos de instrumentos podem ser usados para obter as medidas necessárias ao estudo final.

Então se percebeu a necessidade de estimular esses educandos na oralidade, assim, utilizando-se da produção de áudio, como um recurso novo e instigante para eles.

### 3.3 A COLETA DE DADOS

A pesquisa se beneficiou para a coleta de dados de questionário<sup>17</sup> destinado aos professores das disciplinas, que trabalhavam com alunos da referida Sala de Recursos, na classe comum, e gravações de áudio com esses alunos em laboratório de informática, através do programa Audacity.

A princípio a coleta seria apenas com os professores da disciplina de Língua Portuguesa, no entanto, com o amadurecimento da pesquisa, se observou, que a linguagem oral não se trabalha ou expressa apenas nas aulas de Português, mais sim, em todas as disciplinas.

No questionário foram elaboradas ao todo sete questões, sendo três de múltipla escolha, com a possibilidade de mais de uma escolha por questão; e quatro dissertativas, onde os professores deveriam expressar suas opiniões sobre as perguntas. Ao todo foram distribuídos vinte questionários, e apenas dez foram respondidos e devolvidos.

As produções de áudio ocorreram entre os meses de setembro a dezembro, a cada quinze dias, com a duração de duas horas/aula, o que totalizou ao término dez horas/aula. A aplicação das gravações foi no laboratório de informática do colégio, utilizando o software Audacity.

Para Barros e Menta (s.d., p. 18):

[...] o rádio traz também inúmeras possibilidades para educação, principalmente no que se refere à produção crítica e colaborativa de programas realizados por alunos utilizando tecnologias de informação e comunicação (TICs) disponíveis na Internet

Para aplicar as produções de áudio foram necessárias várias técnicas de oralidade, as quais eram gravadas e após o aluno escutava, para também analisar a

---

<sup>17</sup> Ver Anexos: p. 62.

sua forma de falar. Nas primeiras aulas foram trabalhado exercícios de pronúncia de palavras, frases e travas língua; pouco a pouco foram aplicados exercícios de entonação, ênfase, ritmo e também leituras onde era necessário saber o tempo das pausas entre uma frase e outra, ou seja, fazer o uso adequado do silêncio. Para só então partir para as gravações de histórias, primeiramente somente o aluno com a professora da turma e após os alunos em grupos de 2 a 4 alunos. Nas histórias gravadas pelos alunos foi usado o recurso de sonoplastias, primeiro os alunos escolhiam as histórias – fábulas – então imaginavam que sons poderiam ser utilizados na mesma, e após utilizavam a internet para pesquisar e encontrar os sons escolhidos.

Segundo o Lotar, Almeida e Ribeiro (2010, n.p):

A sonoplastia é uma grande aliada para qualquer tipo de produção radiofônica. Ela tem o poder de despertar diversos tipos de sensações anímicas, tais como tensão, medo, alegria, paixão e tristeza.

Entre as sonoplastias estão os efeitos sonoros – sons de fenômenos da natureza, instrumentos musicais, animais, entre outros, bem como, músicas e até mesmo o silêncio. Onde os alunos tiveram que aprender, encontrar e trabalhar com esses recursos, incentivando assim a sua criatividade.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A finalidade com o questionário está em identificar os possíveis problemas que as dificuldades na oralidade, podem acarretar na vida acadêmica e social do aluno, bem como, qual a compreensão que o corpo docente tem desse aspecto da comunicação: oralidade.

As três primeiras questões que são de múltipla escolha necessitam de uma análise quantitativa, pois, delas foram possíveis a esquematização de gráficos para o melhor entendimento das opiniões dos professores, o que para Gil (2002) a torna relativamente simples se comparado a análise qualitativa, a qual é mais complexa e requer maior análise. As quatro últimas questões que são de cunho dissertativo e as observações realizadas durante as produções de áudio, enfatizam a necessidade de uma análise qualitativa, visto que, trata-se de interpretar e ponderar sobre as respostas dos professores e o desenvolvimento dos alunos.

## 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

### 4.1 A FINALIDADE DO QUESTIONÁRIO E DAS PRODUÇÕES DE ÁUDIO

A presente pesquisa tem como finalidade analisar o quanto as produções de áudio através do software Audacity poderão desenvolver a oralidade de alunos com necessidades educacionais especiais, incluídos no ensino regular, bem como, recebendo em contraturno Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recursos. Assim, para que o estudo se fizesse coerente, era preciso entender, primeiramente, o quanto as dificuldades de oralidade podem prejudicar a vida acadêmica e social desses alunos. Como afirma Valle (2008, p. 25):

A Linguagem se expressa pela fala e pela motricidade. Quando existem lesões nos sistemas das mensagens linguísticas, ocorrem distúrbios na linguagem, que necessitam de intervenção interdisciplinar porque atingem o indivíduo em sua comunicação nos relacionamentos e, conseqüentemente, em sua autoestima e possibilidade de realizações.

A partir desse princípio, era preciso investigar o que o corpo docente do colégio, achava a esse respeito. Percebia-se nesse tema um dos fatores que prejudicam os alunos no processo ensino/aprendizagem. Era preciso conhecer se realmente na prática, o que os teóricos apontam sobre os problemas de oralidade, eram reais. Para só então aplicar o projeto – as produções de áudio - e perceber suas possibilidades.

Então a princípio a coleta de dados se fez em forma de questionário, destinado aos professores das disciplinas da classe comum, que lecionavam para os alunos da Sala de Recursos, assim, foram atingidas oito turmas – quatro de 7<sup>a</sup> séries e quatro de 8<sup>a</sup> séries. Dentre as disciplinas estavam Artes, Ciências, Educação Física, Geografia, História, Inglês, Matemática e Língua Portuguesa, visto que, a linguagem oral não está restrita apenas as aulas de português, mas sim se faz presente em todas as disciplinas.

E posteriormente, através das produções de áudio, observando o quanto as mesmas desenvolveriam a oralidade e com ela o aprendizado, a socialização e conseqüentemente a autoestima dos alunos.

## 4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

As três primeiras questões foram fechadas e de múltipla escolha, podendo ser escolhida mais de uma resposta por questão, aqui o objetivo era reconhecer o quanto os professores percebiam os problemas de oralidade dos alunos, visto que segundo Kato (2005, p. 13): “a fala representa ideias”, ou seja, elaboração de pensamentos, os quais dependem de maturação e estruturação cerebrais saudáveis, bem como, de estímulos.

As três questões serão analisadas em forma de gráfico, para melhor interpretação:

1ª Questão:

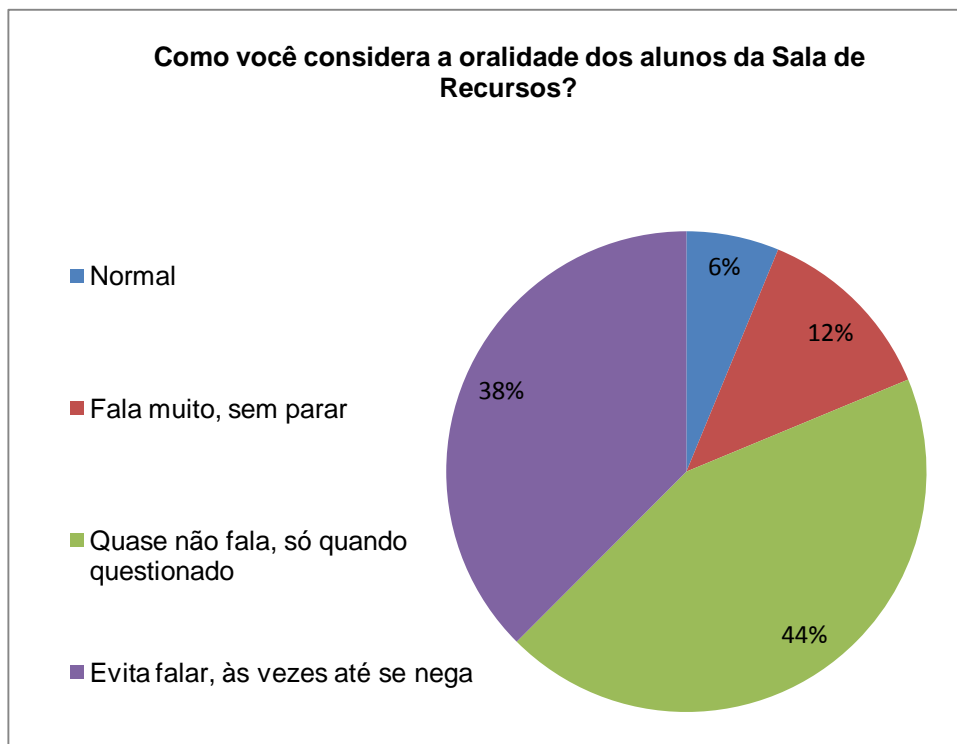


GRÁFICO 3 – ORALIDADE DOS ALUNOS DA SALA DE RECURSOS  
 FONTE: O autor (2010)

Analisando o gráfico referente à 1ª questão, percebe-se que a maior dificuldade dos alunos da Sala de Recursos em relação a oralidade, apontada pelos docentes, é a postura apática diante da linguagem oral. Só falam quando são questionados e algumas vezes até se negam a falar.

## 2ª Questão:

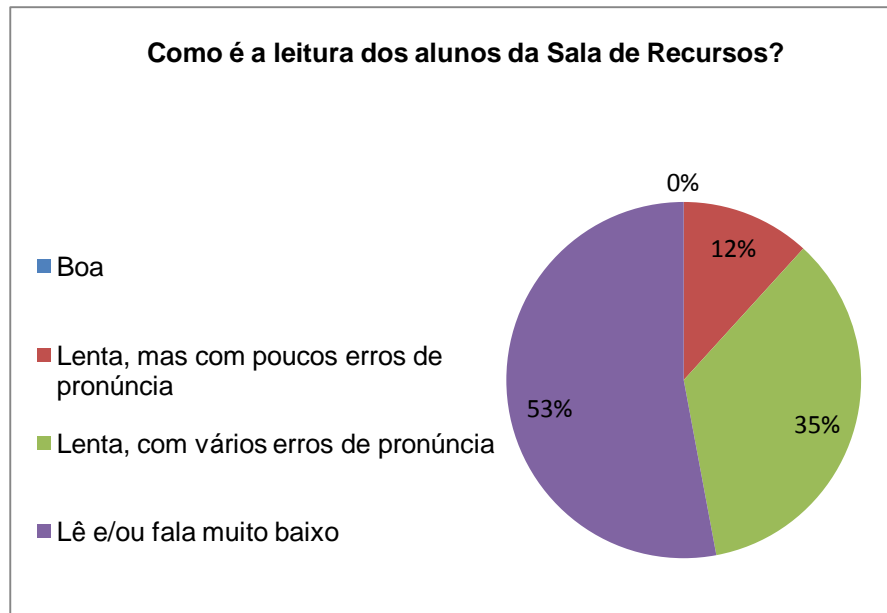


GRÁFICO 4 – LEITURA DOS ALUNOS DA SALA DE RECURSOS  
 FONTE: O autor (2010)

Nessa questão, fica claro novamente os problemas dos alunos com necessidades educacionais especiais em relação à oralidade, até mesmo na leitura, se destacam significativas dificuldades, em 53% a leitura é muito baixa, o relevante é que em nenhum caso a leitura foi considerada boa/normal.

## 3ª Questão:

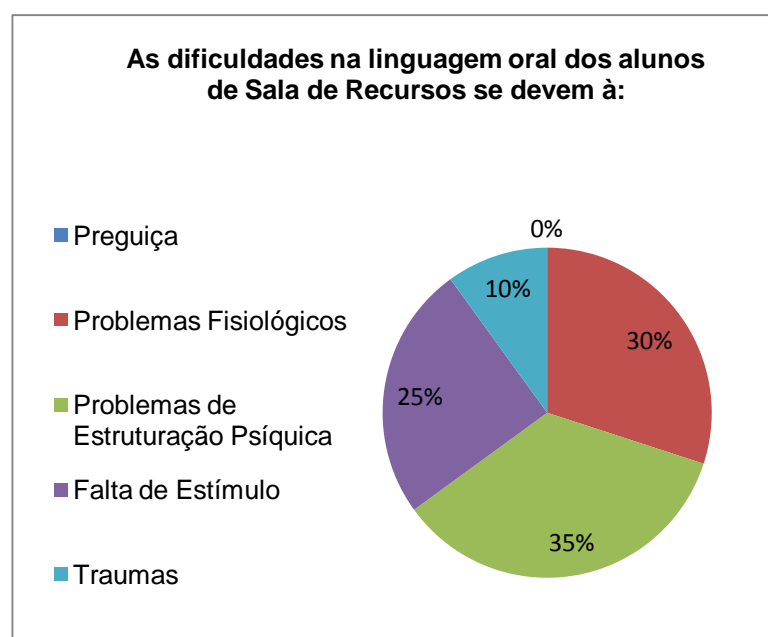


GRÁFICO 5 – DIFICULDADES NA LINGUAGEM  
 FONTE: O autor (2010)

Entre as três primeiras questões, essa é a principal, nela foi onde os professores puderam expressar os seus conhecimentos a respeito de problemas de linguagem, bem como, é nela onde se encontram as possíveis causas para as dificuldades de fala e leitura apontadas nas duas outras questões.

As respostas refletem que os docentes entendem os problemas orgânicos e psíquicos como os principais responsáveis pela desordem da oralidade dos alunos da Sala de Recursos. O professor Egídio Romanelli (1985, p. 109), nos coloca que:

[...] o nosso cérebro se desenvolveu a partir do momento em que aquele primeiro homem primitivo começou a dizer alguma coisa, se desenvolveu no caminho, na direção da linguagem. E nós podemos dizer com toda certeza que a inteligência do indivíduo se mede pela sua capacidade de linguagem.

À citação do professor pode-se ainda acrescentar, que toda inteligência depende de um Sistema Nervoso Central – SNC, saudável; capaz de acompanhar o desenvolvimento motor e da linguagem, sem atrasos e/ou transtornos. Ainda segundo Romanelli (1985, p.109): “A linguagem é esse processo complicado, todo cheio de controles, e esses controles são feitos pelo nosso cérebro”.

Desta forma, sendo as outras quatro perguntas do questionário de cunho dissertativo, as mesmas serão analisadas de forma textual, com colocações pertinentes dos professores entrevistados, tendo como base os referenciais teóricos.

Assim, a 4ª pergunta, questionava se as dificuldades na linguagem oral prejudicavam o processo ensino/aprendizagem dos alunos da Sala de Recursos. Grande parte dos docentes responderam que consideram a oralidade relevante na aprendizagem do aluno. Colocaram que as dificuldades de interpretação e entendimento prejudicam a aquisição de vocabulário e a capacidade de argumentação.

Para Leontiev<sup>18</sup>, citado em Monteiro (1998, p. 80):

A aprendizagem da linguagem é a condição mais importante para o desenvolvimento mental, porque, naturalmente, o conteúdo da experiência histórico-social, não se está consolidado somente nas coisas materiais; está generalizado e reflete-se de forma verbal na linguagem.

---

<sup>18</sup> LEONTIEV, A. N. Os princípios do desenvolvimento mental e o problema do atraso mental. IN: **Psicologia e Pedagogia**. Lisboa: Estampa, 1997. P. 99 – 119.

No entanto, dois professores, discordaram e relataram que a linguagem oral não interfere na aprendizagem do aluno, pois, consideram que tal problema não prejudica a interpretação e nem a expressão do aluno. E ainda consideram que o aluno pode se comunicar de outras formas, que não verbal: escrita, expressões faciais e corporais, entre outras maneiras. Porém, existe uma relação entre linguagem e pensamento, para Vigotski (2008, p. 7):

[...] a verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante, que constitui em um estágio avançado do desenvolvimento das palavras. As formas mais elevadas de comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada.

Simplificando nas palavras de Kato (2005, p. 78):

Falar envolve dois tipos de atividade: planejamento e execução. Planejamos o que queremos dizer e como o diremos, para depois colocar esse plano em ação. O planejamento e a execução podem ocorrer simultaneamente, de tal modo que, enquanto estou executando o plano da primeira etapa, já estou planejando o que fazer na segunda.

Só há fala argumentativa e elaboração de outras formas de comunicação se a estruturação de pensamentos for possível. Contudo, já se relatou nesse estudo que dificuldades na fala se devem a problemas fisiológicos e psíquicos de ordem cerebral, e esses estão diretamente relacionados com a construção do pensamento e da inteligência, conseqüentemente do aprendizado.

A questão 5, estava relacionada aos problemas de socialização que a dificuldade de oralidade pode acarretar aos alunos da Sala de Recursos. Nessa pergunta todos os docentes concordaram que prejudica a vida social dos mesmos, visto que, o aluno fica quieto no seu canto, com medo ou receio de falar, e às vezes até sem vontade de socializar. Outro fator que os professores apontaram foi o fato dos colegas também não gostarem de estar com esses alunos, já que estes não se relacionam de forma convencional, acabam por não expressarem pensamentos, ideias, emoções, desejos, sonhos, enfim, elementos que fazem parte da interação entre as pessoas.

O aspecto social da linguagem na existência humana, já foi amplamente debatido nessa pesquisa<sup>19</sup>, bem como, a sua importância na transformação do animal em homem, ser pensante. Vigotski (2000, p. 11) afirma que: “A função da linguagem é comunicativa. A linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão”.

Na 6ª questão os professores deveriam considerar se os problemas de oralidade interferem na autoestima dos alunos da Sala de Recursos. Ao que eles responderam que prejudica a autoestima, visto que, é visível nas salas de aula, atitudes de retraimento, timidez, vergonha, pois, muitas vezes, devido as dificuldades de pronúncia, ritmo e altura da voz, os colegas zombam desses alunos, então preferem se calar e ficarem na deles para não serem criticados, o que reflete uma estima baixa. Em Monteiro (1998, p. 80) a autora destaca que:

[...] identificamos na educação especial a necessidade de restaurar o espaço de sentido, através da linguagem, eixo básico na constituição do sujeito, pois é ela que caracteriza e marca o homem. Através da linguagem o sujeito constrói a representação da realidade na qual está inserido. Agindo o ser é capaz de transformar a realidade, ao mesmo tempo em que é também transformado por ela.

Apenas dois professores não concordaram e citaram que não veem diferença em relação à autoestima se comparado aos demais alunos, também disseram que eles demonstram confiança e querem ler e fazer comentários. Porém, quando se destaca que a oralidade interfere na socialização, como na questão anterior (5), logo se percebe que o social interfere no pessoal, isto é, não é possível ter uma autoestima saudável sem ter relacionamentos, sem interagir, sem compartilhar.

Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 78) consideram que:

Quando se fala de problemas ou de dificuldades de desenvolvimento, refere-se ao desajuste que uma pessoa apresenta em relação aquelas que têm a mesma idade. Portanto, dizer que uma criança apresenta problemas no desenvolvimento da comunicação, da fala ou da linguagem significa mencionar que essa criança não se ajusta ao ritmo evolutivo de seus colegas.

E esse desajuste em relação aos colegas da mesma faixa etária, também proporciona dificuldades de socialização e com elas baixa autoestima. Não é raro

---

<sup>19</sup> Ver Fundamentação Teórica: Linguagem Oral (p.24).

ver indivíduos com necessidades especiais se relacionando com pessoas bem mais novas ou bem mais velhas.

A última pergunta (7) questionava se era mais fácil trabalhar em sala de aula com um aluno que fala demais, até coisas sem sentido (impulsivo) ou com um aluno apático em relação a fala – não quer ler, não quer fazer trabalhos em grupo e/ou não conversa com os colegas. Esta questão devido à possibilidade de escolha será representada graficamente, para facilitar a compreensão dos resultados.

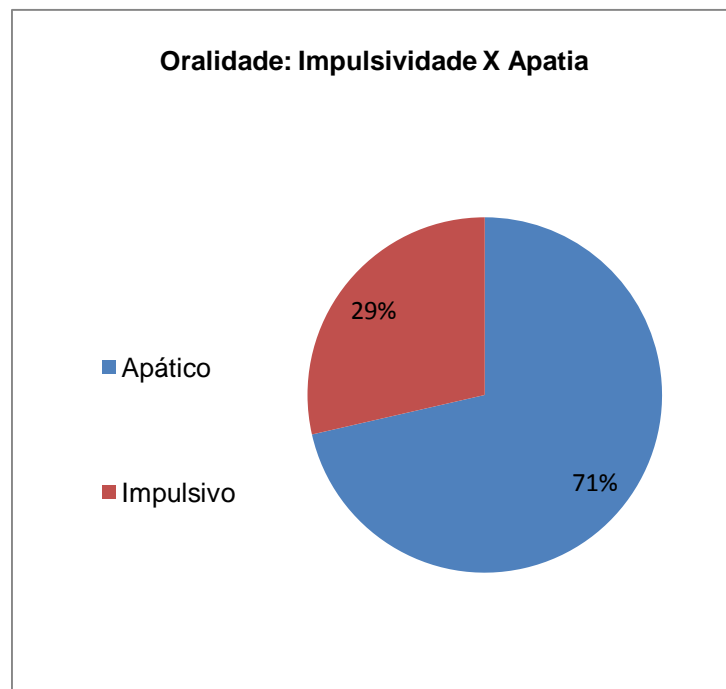


GRÁFICO 6 – IMPULSIVIDADE X APATIA  
 FONTE: O autor (2010)

A grande maioria dos docentes consideram mais difícil estimular os alunos que não gostam de falar, se negam e/ou só respondem quando são questionados, ficam numa apatia verbal complicada de ser estimulada, necessitando de métodos e técnicas diferenciados para desenvolverem a oralidade.

Nesse ponto, chegamos ao objetivo dessa pesquisa, se utilizar de um objeto de aprendizagem capaz de estimular esses alunos da Sala de Recursos a despertarem para a oralidade, mesmo diante de suas limitações psíquicas e/ou fisiológicas. Assim, justifica-se a escolha de utilizar produções de áudio, através do Audacity, com o intuito de instigar a vontade de falar, de se expressar, de soltar a voz.

### 4.3 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DE ÁUDIO

Trabalhar com o recurso de áudio em sala de aula, em especial gravações de áudio, necessita de uma preparação prévia para que os alunos se familiarizem com a novidade, com software que utilizam - no caso o Audacity - com a própria voz sendo ouvida, entre outras técnicas que tornam as produções tão ricas e criativas. É reaprender a falar e principalmente a ouvir.

Franco (2010, n.p.) afirma que:

Ouvir e falar referem-se a ações que desenvolvemos todos os dias. Parece simples e óbvio. Quando agregamos a essas ações cotidianas a intervenção de uma tecnologia – o rádio – o pensamento começa a engendrar explicações e relações mais complexas e parece que o humano, entranhado nas ações de ouvir e falar, fica um mais distante.

Assim, as produções de áudio tiveram início com exercícios de pronúncia, os quais eram lidos primeiro silenciosamente, depois em voz alta, junto com a professora, após sozinho e só então gravado, e logo em seguida escutado pelo aluno. Segundo Ribeiro, Menta e Amorim (2010, n.p.):

Uma pronúncia defeituosa pode ter origens físicas ou psicológicas. Mas, algumas vezes pronuncia-se mal por desleixo. É o que acontece com palavras mutiladas, ou quando se fala muito devagar, ou quando se pronunciam indistintamente as palavras.

Nesses exercícios os alunos ouviram pela primeira vez a própria voz, para alguns foi algo incomodo e para outros fascinante, mas para todos algo bastante desaviador e instigante.

Já na primeira aula um dos alunos ao se ouvir, em uma das gravações disse: *“Professora, preciso melhorar a leitura”*. Demonstrando de imediato o quanto as produções de áudio promovem a oralidade, visto que, o aluno toma consciência do modo como fala e/ou lê, e assim busca melhorar. Ratificando a afirmação de Franco (2010, n.p.): “O ato de ouvir/falar é uma troca expressiva, que pode ser potencializada pelas tecnologias.”

Em seguida, vieram os exercícios de ênfase, o que para Ribeiro, Menta e Amorim (2010, n.p.): “É a energia da fala, a vitalidade da palavra falada. Em qualquer palavra, a sílaba de maior ênfase é a que soa clara e mais alta.” Ou seja, a

sílaba tônica, segundo os autores é ela que dá força e vida a palavra. E nas frases também há uma ou mais palavras que merecem maior destaque.

Nesses exercícios os alunos encontram bastante dificuldades, tendo em vista, que liam as palavras todas com a mesma ênfase, sem nenhum destaque para palavra ou sílaba, necessitaram nesses exercícios de bastante auxílio da professora, e de repetí-los várias vezes. Aos poucos foram conseguindo, perceber que existem ênfase certa para sílabas e palavras.

Depois começaram os exercícios de entonação, que para Ribeiro, Menta e Amorim (2010, n.p.): “é a música da linguagem. Entonar bem é falar no tom certo, como se cada palavra, cada sílaba, representasse uma nota musical.” A princípio os alunos não entenderam muito bem esses exercícios, colocar a emoção certa para cada palavra de início, pareceu algo bem difícil para eles, mas com treino e ajuda constante da professora, conseguiram assimilar o sentido da entonação.

As atividades seguintes, foram o ritmo, nas quais os alunos ficaram bem incomodados a princípio, tiveram vergonha, ficaram acanhados, somente depois de várias demonstrações da professora é que começaram a se soltar e fazerem tentativas. Sendo que nesses exercícios incluía-se ler poesias de forma cantada. Onde o aluno toma consciência do como ritmar sua própria voz, não falar nem muito devagar, mas nem muito ligeiro; nem muito alto, mas não tão baixo.

Os autores Ribeiro, Menta e Amorim (2010, n.p.) destacam:

Não se deve falar nem muito depressa e nem muito devagar. Assim como há um tom certo para cada palavra, há um ritmo certo para falar bem. [...] Para haver uma boa emissão da voz é preciso equilibrar bem o volume, e o timbre da voz. Para ter bom timbre: não fale de boca fechada, não fale com o nariz, não fale com o peito, não fale com o fundo da garganta e não fale com a flor dos lábios.

Tais exercícios foram de suma importância para os alunos da Sala de Recursos, pois, muitos deles apresentavam as dificuldades de fala citadas acima pelos autores, foi preciso ensinar, que para se falar bem, é preciso abrir a boca, algo simples, mas que a grande maioria das pessoas desconhecem.

Aqui foi utilizado algo bastante comum, quando tratamos de atividades para a oralidade – os trava-línguas, visto que, estimulam a articulação.

Ribeiro, Menta e Amorim (2010, n.p.) ressaltam que:

A articulação é que dá clareza e nitidez à palavra. A boa articulação faz ressaltar todas as qualidades da voz. Articular bem é indispensável a todo aquele que fala em público. Nos exercícios de articulação é preciso duplicar e triplicar cada consoante. Para uma boa articulação é necessário desenvolver a musculatura do céu da boca, a língua e os lábios. Os “trava-línguas” são ótimos exercícios de articulação. Palavras difíceis, ditas de forma exagerada, também constituem um bom exercício, além de falar com uma caneta entre os dentes.

Partindo do ritmo, se iniciou o trabalho com as pausas, os silêncios tão necessários para a boa articulação e também compreensão do que é falado ou lido. Aqui foram usados atividades de leitura de pequenos textos, porém, marcados com barra ( / ), onde duas barras ( // ) significavam uma pausa maior e uma barra ( / ) uma pausa menor. É o tempo necessário para a respiração que a fala exige. Os alunos tiveram grande facilidade para assimilar a atividade, assim, como relataram que fica mais fácil fazer leituras corretamente, quando existem esses “sinais” – as barras. Leram os textos muito bem, com boa articulação e ritmo.

Enfim, chega a hora das produções de áudio de histórias - onde em conjunto, professora e alunos – decidem gravar fábulas. A docente leva várias fábulas onde os alunos escolhem as que mais gostam, o primeiro passo, foi gravar com a orientação da professora e o segundo com os colegas, em grupos de dois a quatro alunos. Feito isso, cada grupo de alunos analisou as possíveis sonoplastias que poderiam ser colocadas na fábula, e pesquisaram na internet para baixar os efeitos sonoros e músicas necessárias e começou o trabalho de edição das histórias, tudo sob a supervisão e auxílio da professora.

Os alunos ficaram encantados com a riqueza que a sonoplastia proporcionou as histórias, pois, criaram um cenário auditivo que depende da imaginação e criatividade do ouvinte.

Por fim Ribeiro, Menta e Amorim (2010, n.p.) destacam que sonoplastia:

É a arte de dar plasticidade ao que se vê ou ouve através de sons - desde a música até os ruídos, que são chamados de efeitos sonoros. No caso do rádio, sua função é muito mais destacada, uma vez que se torna suporte à imaginação do ouvinte, dando-lhe elementos sonoros que permitem a construção de uma imagem.

Nesse momento, o alunos se perceberam sujeitos de um contexto social do qual eles têm muito a oferecer. Como afirmam Barros e Menta (s.d., p. 18):

No silêncio da leitura, no perceber das palavras, dos cheiros virtuais que estas produzem e no cheiro real da celulose contida no papel, tem-se a possibilidade de tornar educandos e educadores de escolas públicas de todo Brasil mais do que simples leitores silentes, mas participantes co-autores da obra escrita e sonora que pode-se realizar no e para o ciberespaço.

Os alunos se conscientizaram que apesar de suas limitações é possível melhorar e aprender. E que estamos em constante aprendizado, onde as tecnologias estão a nosso dispor para tornar nossas vidas mais fácies, criativas e inteligentes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem oral nos caracteriza enquanto seres humanos, pois, sua função é social, visto que, através da oralidade nos definimos como sujeitos ativos de uma sociedade. No entanto, o falar exige funções cerebrais e psíquicas saudáveis, sem comprometimentos orgânicos. Quando existe alguma falha no processamento cerebral das mensagens, seja na linguagem receptiva (Área de Wernicke) e/ou na expressiva (Área de Broca), o indivíduo possui alguma dificuldade na oralidade. Que se reflete em problemas de compreensão e expressão da fala, bem como, de estruturação de pensamentos para a fala argumentativa. O que para Romanelli (2003) seria respectivamente a habilidade para entender e a capacidade para falar.

As dificuldades na linguagem oral, citadas por Romanelli, geralmente são encontradas em alunos necessidades educacionais especiais. Por esse motivo, a presente pesquisa permeou pelos caminhos nem sempre exatos e concisos da Educação Especial, com destaque às dificuldades na oralidade de alunos matriculados na Sala de Recursos.

O estudo pretendeu primeiramente entender como funciona a linguagem oral, suas concepções orgânicas e psíquicas. E com base nos referenciais teóricos e nos resultados do questionário de coleta de dados, acabou por se concluir que dificuldades nessa área, prejudicam o aluno tanto no seu desenvolvimento social e acadêmico, como em sua autoestima.

Assim, o objetivo principal do trabalho foi investigar o quanto as produções de áudio, através do software Audacity, poderiam estimular os alunos de Sala de Recursos, em suas dificuldades na oralidade.

Os resultados logo foram observados, visto que o áudio é uma ferramenta que desenvolve não só a fala, mas também o ouvir. Os alunos começaram a criar consciência da forma como pronunciavam as palavras. No momento, em que ouviram a própria voz pela primeira vez, sentiram um misto de vergonha e satisfação. Nos exercícios buscavam a pronúncia correta, a entonação certa, o ritmo adequado, enfim, a cada gravação feita e posteriormente ouvida, se corrigiam.

Nas primeiras produções começaram tímidos, falavam rapidamente, sem abrirem a boca direito, o objetivo deles era ler de uma vez e de preferência o mais rápido possível. Era preciso ensinar que ler ou falar dependem de uma boa articulação da boca, ou seja, abri-la para a boa pronúncia; segundo é necessário

respirar enquanto falamos, assim, é preciso calma e pausas nos momentos certos. Foi uma tarefa de reaprender a falar. Respeitando suas limitações, mas estimulando suas possibilidades.

Quando se iniciou as gravações de histórias – fábulas – os alunos já haviam participado de várias aulas com exercícios para melhorar a oralidade. Nesse momento os alunos começaram a trabalhar de forma mais independente nas produções de áudio, gravavam em grupos e escolhiam as sonoplastias necessárias e adequadas para cada fábula. Nessas aulas eles eram sujeitos criadores não só das produções de áudio, mas da sua própria história, pois, participavam como autores de uma realidade e não apenas como expectadores. O que se refletiu automaticamente em suas autoestimas, com atitudes de autoconfiança e segurança. Demonstradas no exemplo de um aluno disléxico, que antes das produções de áudio, se negava a fazer leituras em sala de aula; e ao gravarem as histórias quis ser o narrador, ou seja, aquele que geralmente tem mais conteúdo para a leitura. Fazendo uma leitura com poucos erros de pronúncia, com boa entonação e ritmo.

As contribuições que as produções de áudio proporcionaram aos alunos foram se refletindo na classe comum, que os alunos estavam incluídos. Começaram a concordar em realizar leituras, participar de trabalhos em grupos, dramatizações, bem como, se sentiam estimulados até a reivindicar seus direitos, a dar sugestões, a questionar, enfim, mudaram a postura pacata em relação à linguagem oral. O que melhorou o processo ensino/aprendizagem e também a socialização, e conseqüentemente a autoestima dos mesmos.

A pesquisa se realizou apenas no 2º semestre do referido ano, contemplando dez horas/aulas, e mesmo com poucas aulas os resultados foram bastante satisfatórios. Assim, o desafio é a continuidade das produções de áudio, agora com a possibilidade de produzir programas de variedade para serem passados nos intervalos do colégio, assim como, produções para podcast e até mesmo a montagem de uma rádio escolar.

Trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, exige por parte de nós docentes, alternativas cada vez mais inovadoras para estimulá-los e desenvolvê-los, e nessa perspectiva as TIC's são nossas aliadas, pois, proporcionam inovações criativas para o processo ensino/aprendizagem, e dentre elas destacamos nessa pesquisa as produções de áudio.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Trabalho e Emprego: instrumento de construção da identidade pessoal e social**. São Paulo: SORRI-BRASIL; Brasília: CORDE, 2003. Série Coleção Estudos e Pesquisas na Área da Deficiência; v. 9.

BARROS, Gílian Cristina; MENTA, Ezequiel. Podcast: produções de áudio para a educação de forma crítica, criativa e cidadã. In: BARROS, Gílian Cristina; MENTA, Ezequiel; MACHADO, Suelen Fernanda. **Produção de Áudio para Educação**. Curitiba: Escola Br, s.d. p. 16 – 29. Disponível em: <<http://www.sitedaescola.com/downloads/bahia/Unidade%201%20%20udio%20na%20educacao.pdf>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2010.

BICUDO, M. A. V. Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Qualitativa segundo a Abordagem Fenomenológica. In: BORBA, M. de C.; Araújo, J. de L. (org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.101-104.

CITELLI, Adilson. Linguagens, Meios e Escola. In:\_\_\_\_\_; LAGO, Cláudia; SALVATIERRA, Eliany (et al.). **Mídia Rádio**. Disponível em: <<http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod82968/linguagensemeios.htm>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2010.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. V. 3.

CONSANI, Marciel. **Como Usar o Rádio na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

CONVENÇÃO DE GUATEMALA. Decreto 3.956/01. In: Ministério da Educação – MEC. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/decreto3956.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2008.

**DECLARAÇÃO DE SALAMANCA**. In: Ministério da Educação – MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 29 de julho de 2010.

ENGELS, Friedrich. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. 4. Ed.: São Paulo: Global, 1990.

ESCORSIM, Nilva Cezar (coord.). **Fundamentos: Educação Especial; O Desenvolvimento Humano; Avaliação Diagnóstica; Currículo em Educação Especial**. Brasília: Federação Nacional das Apaes, 1993. Coleção Educação Especial, v. 1.

ESTATUTO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Decreto 3.298/99. In. Ministério da Educação – MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/decreto3298.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2008.

FRANCO, Marília. Ouvir e Falar. In: CITELLI, Adilson; LAGO, Cláudia; SALVATIERRA, Eliany (et al.) **Mídia Rádio**. Disponível em <<http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod82968/ouvirefalar.htm>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002.

GOMES, Adriana L. Limaverde (et. Al.). **Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

GOOGLE, Imagens. Disponível em: <[http://2.bp.blogspot.com/\\_kldZneXKrTg/Sh8g-4QFb\\_I/AAAAAAAAANU/wZOVIALrEgU/s320/hefesto1.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_kldZneXKrTg/Sh8g-4QFb_I/AAAAAAAAANU/wZOVIALrEgU/s320/hefesto1.jpg)>. Acesso em: 07 de agosto de 2010, às 14h22min.

GOOGLE, Imagens. (2010b). Disponível em: <[http://2.bp.blogspot.com/\\_NB\\_xodZWZ\\_M/TK8g\\_fTzKKI/AAAAAAAAAAM/m37xhNDXDiY/s1600/shrek.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_NB_xodZWZ_M/TK8g_fTzKKI/AAAAAAAAAAM/m37xhNDXDiY/s1600/shrek.jpg)>. Acesso em: 07 de agosto de 2010, às 15h05min.

GOOGLE, Imagens. (2010c). Disponível em: <[http://images2.fanpop.com/images/quiz/106000/106552\\_1229914201326\\_400\\_294.jpg](http://images2.fanpop.com/images/quiz/106000/106552_1229914201326_400_294.jpg)>. Acesso em: 08 de agosto de 2010, às 15h16min.

GOOGLE, Imagens. (2010d). Disponível em: <[http://www.casthalia.com.br/a\\_mansao/obras/images/vel02.jpg](http://www.casthalia.com.br/a_mansao/obras/images/vel02.jpg)>. Acesso em: 08 de agosto de 2010, às 15h42min.

GOOGLE, Imagens. (2010e). Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/cart5.jpg>>. Acesso em: 08 de agosto de 2010, às 17h13min.

GOOGLE, Imagens. (2010f). Disponível em: <[http://2.bp.blogspot.com/\\_SLudZHfayvY/TAWMQt17GI/AAAAAAAAAGY/0YZgdRJfxzk/s1600/sedent%C3%A1rio-evolu%C3%A7%C3%A3o.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_SLudZHfayvY/TAWMQt17GI/AAAAAAAAAGY/0YZgdRJfxzk/s1600/sedent%C3%A1rio-evolu%C3%A7%C3%A3o.jpg)>. Acesso em: 15 de setembro de 2010, às 16h46min.

GOOGLE, Imagens. (2010g). Disponível em: <[http://vetneuro.files.wordpress.com/2009/10/i\\_10\\_cr\\_lan\\_1b.jpg?w=384&h=376](http://vetneuro.files.wordpress.com/2009/10/i_10_cr_lan_1b.jpg?w=384&h=376)>. Acesso em: 25 de setembro de 2010, às 13h10min.

GOOGLE, Imagens. (2010h). Disponível em: <<http://www.inglesnosupermercado.com.br/wp-content/uploads/2009/09/corpo-caloso1.jpg>>. Acesso em: 25 de setembro de 2010, às 14h35.

HIGUCHI, Kazuko Kojima. **Literatura, Comunicação e Educação: um romance em destaque com a mídia**. São Paulo: Cortez, 2008. v. 14.

KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

LOTAR, Maurício Gabriel; ALMEIDA, Juliana de; RIBEIRO, Thiago. **O Uso da Sonoplastia**. Disponível em : <<http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod82976/sonoplastia01.htm>>. Acesso em 18 de dezembro de 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MONTEIRO, Mariangela da Silva. A Educação Especial na Perspectiva de Vygotsky. In: ASSUMÇÃO, Maria T. De (org.) **Vigotsky um Século Depois**. Juíz de Fora: EDUFJF, 1998. p. 73-84.

NEGRÃO, Alexandra Maria Góes; MIYAGAWA, Patrícia Naomi; SILVA, Valquíria Franco da. Neurofisiologia da Linguagem: como o cérebro funciona na comunicação. **Lato & Sensu Revista dos Monitores**, Belém, v. 4, n. 1, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/index.asp?idpag=5&idcat=2&idrevista=9>> Acesso em: 30 de agosto de 2010.

PARANÁ. **Instrução 013/08**. In: Portal Dia a Dia Educação - Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional. Disponível em: <[http://www.diaadia.pr.gov.br/deein/arquivos/File/Instrucao\\_13\\_08\\_Sala\\_de\\_Recursos\\_DM.pdf](http://www.diaadia.pr.gov.br/deein/arquivos/File/Instrucao_13_08_Sala_de_Recursos_DM.pdf)>. Acesso em: 29 de julho de 2010.

RIBEIRO, Bianca Carneiro; MENTA, Eziquiel; AMORIM, Fabiane da Silva. (org.). **Recursos de Áudio na Web**. Disponível em: <[http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod82965/fazer\\_radio.htm](http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod82965/fazer_radio.htm)>. Acesso em: 18 de dezembro de 2010.

ROMANELLI, Egídio. Linguagem e Mente. In: **A Linguagem e o Homem**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1985. p. 101-110.

\_\_\_\_\_. Neuropsicologia Aplicada aos Distúrbios de Aprendizagem “Prevenção e Terapia. In: **Temas em Educação II – Jornadas 2003**. São Paulo: Futuro, 2003. p. 49 - 62

SASSAKI, Romeu Kazumi. Educação Profissional e Emprego de Pessoas com Deficiência Mental pelo Paradigma da Inclusão. In: OLIVEIRA, Maria Alcântara (org.). **Trabalho e Deficiência Mental: perspectivas atuais**. Brasília: Dupligráfica, 2003. p. 111-132.

SILVA, Ynaray Joana da. Meios de Comunicação e Educação: o rádio um poderoso aliado. In: CITELLI, Adilson (coord.). **Outras Linguagens na Escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 133-174.

SOUZA, Janine Fontes de; MOTA, Kátia Maria Santos. O Silêncio é de Ouro e a Palavra é de Prata? Considerações acerca do espaço da oralidade em educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, p. 505-551. set/dez. 2007. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/rbedu/v12n36/a09v1236.pdf>>. Acesso em: 30 de agosto de 2010.

VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do. Neuropsicologia e Linguagem. In: ASSUMPÇÃO, Francisco Jr. (org.). **Aprendizagem, Linguagem e Pensamento**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2008. p. 21-29

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

**ANEXOS**

Ministério da Educação - MEC  
Universidade Federal do Paraná - UFPR  
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD  
Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a  
Distância - CIPEAD



---

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
concordo com a minha participação no estudo sobre “Oralidade na Sala de Recursos”, de acordo com os objetivos a que este se propõe.

As informações por mim prestada poderão ser utilizadas em publicações, ficando porém garantidos sigilo e anonimato sobre minha pessoa e da Instituição da qual faço parte. Fica a mim reservado o direito de desistir da participação neste estudo, caso considere necessário, bem como não responder a algum questionamento que me seja dirigido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



## QUESTIONÁRIO

Prof. (a): \_\_\_\_\_

Disciplina: \_\_\_\_\_ Séries que atua: \_\_\_\_\_

Obs: nas questões de múltipla escolha, podem ser assinaladas mais de uma alternativa.

### 1. Como você considera a oralidade dos alunos da Sala de Recursos?

- Normal
- Fala muito, sem parar
- Quase não fala, só quando é questionado
- Evita falar, às vezes, até se nega

### 2. Como é a leitura dos alunos da Sala de Recursos?

- Boa
- Lenta, mas com pouco erros de pronúncia
- Lenta, com vários erros de pronúncia
- Lê e/ou fala muito baixo

### 3. As dificuldades na linguagem oral dos alunos da Sala de Recursos, se devem à:

- Preguiça
- Problemas fisiológicos
- Problemas de estruturação psíquica
- Falta de estímulo
- Traumas

### 4. As dificuldades na linguagem oral podem prejudicar o processo ensino-aprendizagem? Por quê?

---



---

- 
- 
5. Problemas na oralidade podem causar dificuldades na socialização do aluno? Justifique.

---

---

---

---

6. Como você percebe a auto-estima dos alunos da Sala de Recursos com problemas de oralidade?

---

---

---

---

7. Na oralidade o que é mais difícil trabalhar: um aluno que fala demais, interrompe explicações, dá respostas sem sentido (impulsivo); ou aquele aluno que quase nunca fala, nega-se a fazer leituras e/ou comentários (apático)?

---

---

---

---

*Agradeço a sua inestimável colaboração!  
Com o espírito crítico e olhar atento de cada  
professor(a), este trabalho de pesquisa  
alcançará o resultado esperado.  
Obrigado!!!*

*Fátima Moraes*